

Sérgio Armando Diniz Guerra

Doutor e Mestre em História Social (PUC/SP). Especializações em Metodologia do Ensino Superior, Sistema de Materiais de Ensino e Aprendizagem, Tele-Educação e Educação Brasileira. Graduado em História (UFBA). Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia, DCH1, Salvador. Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação, CEE-BA. Autor e organizador de diversos livros, artigos e projetos de Pesquisa e Extensão. Dedicou-se aos temas de Canudos, Ensino de História, da Educação, Social, Política, Memória. Diversidades Sociais e Terceira Idade. Ex-professor Adjunto da Universidade Católica do Salvador e das redes públicas e privadas nos diversos graus e modalidades de ensino.



Sérgio Armando Diniz Guerra
(Organizador)

OS CAMINHOS DA UATI

EdUnEB

Sérgio Armando Diniz Guerra
(Organizador)

OS CAMINHOS DA
UATI



O Presente livro foi organizado a partir de depoimentos escritos por “oficineiros” do Projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade. O principal objetivo foi organizar as falas de seus sujeitos e valorizar suas histórias de vida. Este livro se divide em três momentos de reflexão sobre Os caminhos da Chegança, A Arte de Ficar e Abrindo Caminhos.

EdUnEB
Editora da Universidade do Estado da Bahia

OS CAMINHOS DA
UATI



Sérgio Armando Diniz Guerra
(Organizador)

OS CAMINHOS DA
UATI

EDUNEB
Salvador
2012

© 2011 Editora da UNEB
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2012.

Ficha Técnica

Coordenação Editorial

Ricardo Baroud

Coordenação de Design

Sidney Silva

Produção Editorial

GRAJAÚ – Gráfica e Encadernadora

Auxiliares de Pesquisa / co-editores

Cláudia Sales

Juliete Sacramento

Kim de Vasconcelos

Ramon Fontes

Fotografias

Alex Gomes

Antonio Jorge

Os caminhos da UATI / Organizado por Sérgio Armando Diniz Guerra . – Salvador:
EDUNEB, 2012.
128p.

ISBN: 978-85-7887-091-1.

Contém referências e anexos.

1. Universidade do Estado da Bahia - Pró-Reitoria de Extensão. 2. Extensão universitária - Salvador (BA). 3. Idosos - Educação - Salvador (BA). I. Guerra, Sérgio.

CDD: 378.175098142



Rua Silveira Martins, 2555 - Cabula
41150-000 - Salvador - Bahia - Brasil
Fone: +55 71 3117-5342
eduneb.editora@gmail.com
editora@listas.uneb.br
www.eduneb.uneb.br

PREFÁCIO

Ao publicar este primeiro texto, projeto piloto de um livro/documentário a ser produzido posteriormente, a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, por meio da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX e, neste caso especificamente, pela Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI, nos seus mais de 15 anos de atividades, ao mesmo tempo em que cumpre a sua função institucional de atender as comunidades nas quais se encontra instalada, realiza um desejo dos seus estudantes e profissionais divulgando suas atividades, possibilidades e alguns dos caminhos possíveis para a sua diversificação.

A velhice, dentre os temas que tem ganhado significativa relevância recentemente, se destaca por ser novo e com um potencial de crescimento indiscutível. Na medida em que a pirâmide etária tem se modificado, não só pela redução das taxas de crescimento populacional, mas, sobretudo pelo aumento da perspectiva de vida e de sua qualidade, em função do desenvolvimento das biotecnologias, a chamada Terceira Idade adquire visibilidade social em diferentes setores.

Essa realidade gera novas demandas não só econômicas, mas também socioculturais e recreativas, criando assim diferentes ramos de atividades, conseqüentemente, elevando a autoestima deste segmento, contribuindo também para o seu bem-estar.

Necessário se torna, assim, cada vez mais produzir ações, reflexões, estudos e pesquisas destinadas a um conjunto de conhecimentos técnico-científicos e filosóficos sobre esta temática. Estas contribuições sistematizadas, contribuirão no sentido de gerar novas ações sociais para e com esta população, baseadas no exercício crítico e criador.

Nesta perspectiva, este primeiro exercício piloto, é uma pequena e preliminar contribuição visando provocar novos trabalhos, sempre com base numa atividade coletiva, valorizadora da experiência e capacidade de produção de muitos e resultando em um pequeno mosaico da realização de todos. Esta é a grande contribuição deste livreto que muito honra a nossa UNEB.

Lourivaldo Valentim da Silva
Reitor da Universidade do Estado da Bahia

TEMPO DE SABEDORIA

O tempo vai passando devagarinho:
manso, manso, bem mansinho;
Quase não percebemos, mas,
se observarmos bem direitinho,
O tecido epidérmico já está bem enrugadinho.

Os pêlos? Oi, coitadinhos!
Bem fraquinhos.
Dói daqui, doí lá;
São as OSES, as ITES;
Êta tendõezinhos chatinhos.
Visão? Que ilusão.
São vultosinhos embaçadinhos.

Diabetes, hipertensão,
Circulação, problemas do coração.
Quantos ÆO, meu irmão.

Vá tomar seus remedinhos
Papo de doutor, que atenção.
Sabe do que mais?

Vou jogar tudo no lixão;
Dar uma rasteira na depressão

Para minimizar essa situação
Vou clicar na UATI, procurar informação.

Me estabilizar, estudar,
Pintar, dançar e cantar,
Costurar e bordar,
Criar e transformar

Vou exercitar o corpo e a mente.

Vou às alturas, mas não é manha do colesterol.

Vou rodar a baiana,
a estima vai se elevar.

Vou amar e viver uma nova emoção,
Ou revoir!

Maturidade, sim!
Velhice não!

Marilene Fogos
Aluna da UATI/UNEB Campus I
17/02/2009



SUMÁRIO

Apresentação	11
Os Caminhos da Chegança	17
A Arte de Ficar	23
Abrindo Caminhos	31
Breves Considerações	39
Bibliografia Recomendada	45
ANEXOS	
ANEXO A – As oficinas de línguas estrangeiras	77
ANEXO B – Como cheguei a UATI	79
ANEXO C – Fisioterapia	81
ANEXO D – Alfabetização de Idosos: a experiência do grupo de alunos da UATI	83
ANEXO E – Caminhos da UATI: Processo, descoberta e chegada	97
ANEXO F – Musicoterapia na UATI	101
ANEXO G – Professores da UATI/2009	105
ANEXO H – Relação das UATIs implantadas na multicampia da UNEB/2009	106
ANEXO I – Fotografias	107
Sobre os autores.....	127



Apresentação

“Esperamos demais pra fazer o que precisa ser feito,
num mundo que só nos dá um dia de cada vez,
sem nenhuma garantia do amanhã...
Esperamos demais nos bastidores,
quando a vida tem um papel
para desempenhar no palco”

Henry Sobel

A Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI é um Programa de Extensão Universitária que se caracteriza como um programa de educação não formal, que atende a pessoas de ambos os sexos, de qualquer nível sócio-educacional, cuja faixa etária seja igual ou superior a 60 anos, objetivando a reinserção psicossocial para o pleno exercício da cidadania e desenvolvendo ações educativas de caráter permanente, tem o propósito de, sobre a ótica da Pedagogia Social, estimular a reflexão sobre as diversas concepções de velhice no cenário da contemporaneidade.

Implantado em agosto de 1995, através de um projeto da servidora Kátia Jane Chaves Bernardo, encaminhado à Pró Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis - PRACE, na forma de Grupo de Trabalho da Terceira Idade - GTTI, atendia, inicialmente 60 idosos.

Em 1997, com a posse da Reitora Ivete Alves do Sacramento e através do incentivo do então Pró-Reitor de Extensão Lourivaldo Valentim da Silva, o Grupo de Trabalho da Terceira Idade ampliou sua atuação e se transformou em

Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI, atendendo, atualmente, 600 pessoas.

A UATI, a exemplo do que já fizeram outras instituições do país, segue a linha das políticas governamentais voltadas para a questão do idoso e tem o compromisso de intensificar ações que valorizem os saberes, desenvolvam competências e cultivem a heterogeneidades de ideias, incentivando desse modo, o sentimento de identidade e pertencimento.

AUATI/UNEB é formada por uma equipe multidisciplinar de profissionais das áreas de: Pedagogia, Direito, Biologia, Psicologia, Nutrição, Enfermagem, entre outros.

O seu projeto pedagógico, embasado nos pressupostos da Pedagogia Social, é operacionalizado através de oficinas e vivências corporais e socioeducativas no período de março a dezembro. Essas oficinas encontram-se distribuídas em três núcleos:

Núcleo Teórico - Tem por objetivo levar o aluno a refletir criticamente sobre a realidade do Brasil e do mundo, analisando conceitos sobre cultura e meio ambiente, sistematizando, agregando e produzindo conhecimentos, descobrindo-se como participante ativo na construção da cidadania. Esse núcleo é composto pelas seguintes oficinas: Saúde na Terceira Idade, Alfabetização de Adultos, Educação para o Consumo, Memória e Identidade, Nutrição na Terceira Idade, Meio Ambiente, Francês, Informática, Psicologia do Envelhecimento, Pra saber o que é o Brasil, Homem, Espaço e Sociedade, Inglês, Valorização do Idoso na Família e Ética e Contemporaneidade, tecendo rede de saberes.

Núcleo de Vivências Corporais - Busca desenvolver a prática do movimento e do lazer, objetivando a melhoria

das condições físico-morfológicas, psicológicas e sociais e o desenvolvimento de potencialidades e talentos. São oficinas desse núcleo: Lazer e Qualidade de Vida, Dança de Salão, Coral, Dança Flamenca, Dança Moderna, Dança Regionais Brasileiras, Yoga, Musicoterapia, Expressão Corporal, Tai Chi Chuan, Dança do Ventre e Teatro.

Núcleo de Trabalhos Manuais - O objetivo é desenvolver habilidades, despertar a criatividade, aguçar o senso estético e a sociabilidade. Compõem esse núcleo as oficinas de: Arte em Fuxico, Arte em Papel, Bijuteria, Cama, Mesa e Banho, Corte e Costura, Croché, Embalagem, Mãos e Criação, Mosaico, Pintura em Gesso e Madeira, Pintura em Tela, Tapeçaria, Tricô.

O Programa UATI desenvolve também o Projeto Idoso Companheiro que leva através dos seus alunos as atividades das oficinas a idosos, crianças e adolescentes institucionalizados. Este Programa, considerado por nós de relevância social, tem o seu objetivo voltado para o caráter solidário, na medida em que leva até essas pessoas a oportunidade de vivenciar e socializar novas experiências, saberes e conhecimentos, além de proporcionar a interação entre eles através dos relatos de histórias de vida tão dispare e enriquecedoras, reduzindo o isolamento em que se encontra a pessoa institucionalizada e auxiliando na reconstrução da sua identidade como cidadão.

Paralelamente, são realizados seminários, encontros e palestras abordando temáticas da contemporaneidade, bem como atividades artístico-culturais e de lazer, para que os idosos possam, a partir de suas histórias, tornarem – se produtores e protagonistas das suas práticas de vida, gerando novas etapas de reflexão e produção de conhecimentos, valores e atitudes.

É ainda através do aprofundamento de questões levantadas ou apresentadas pela Pedagogia Social e pela Gerontologia a respeito de experiências intergeracionais, que pretendemos incentivar a promoção e o apoio a programas interdisciplinares envolvendo os diversos Departamentos da UNEB na busca do reconhecimento da UATI como um programa, que por via da extensão, convida a Universidade a partilhar uma mais explícita inserção no fazer sociopedagógico.

Recentemente, no processo de expansão dessa experiência exitosa assumimos a responsabilidade de coordenar a implantação da UATI na multicampia UNEB até o ano de 2010, estando já em funcionamento ou em processo imediato de implantação 14 dos 24 campi, tornando a nossa Universidade aquela com a de maior abrangência/raio de ação de Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil hoje.

Durante todo esse processo pudemos observar mudanças nos idosos, tais como:

- atitude pró-ativa de renovação;
- reconstrução de suas histórias de vida;
- redescoberta da sensualidade;
- realimentação de habilidades e interesses;
- construção coletiva de novos espaços de atuação.

Em comum eles trazem a enorme vontade de conhecer e acreditar em suas reais capacidades, derrubar mitos, lutar por seus direitos, olhar para frente, crescer, ser cidadãos.

Para encerrar, citamos Machado (2002, p. 1):

“o que posso dizer é que o solo está sendo arado,
as sementes estão brotando;
a colheita promete resultados inusitados...”

Sônia Bamberg
Coordenadora da UATI



OS CAMINHOS DA CHEGANÇA

Porque cheguei

Comecei na UATI numa fase de depressão devido uma decepção com meu trabalho. (EN.f)

Numa consulta médica encontrei um cidadão que fazia parte do grupo de dança do UATI e ele mandou que eu me inscrevesse. Fui mas não consegui. Não desisti, no ano seguinte lá estava eu novamente e consegui. (MS.m)

Minha entrada foi assim: Minha sobrinha trabalha na UNEB como já estava aposentada sem ter compromisso com nada a mesma me falou: ‘tia porque a senhora e minha mãe não vão?’, e assim partimos para lá. Começamos o dia na matricula saímos 05:00 da manhã enfrentamos uma fila numerosa e nos matriculamos. (RG.f)

Comecei a pensar em fazer algo, comecei a frequentar a UATI, descobri novos conhecimentos e percebi o crescimento da autoestima:

- Amor: encontrei aqui na UATI, muito carinho das colegas, dos mestres e da coordenadora do curso, encontrei várias oficinas e comecei a desempenhar;
- Segurança: comecei a me sentir mais segura nas minhas decisões;
- Expressão criadora: voltei a ter aquela euforia antiga no trabalho, mais disposição para criar novos projetos;
- Reconhecimento: meus familiares, meus amigos e meus colegas começaram a perceber o meu progresso;
- Novos conhecimentos: Através das aulas, palestras, passeios, atividades físicas e até do bate papo com os colegas;
- Autoestima: passei a me considerar mais segura e capaz em todos os sentidos a gostar mais de mim, a me valorizar como pessoa

‘madura’ e vivida. ‘Mantenha a mente ativa e continue jovem de coração, viva um dia maravilhoso, só depende de você.’ (CC.f)

- Tomando conhecimento do trabalho desenvolvido pela UNEB, a qual desenvolve através da UATI, um projeto dirigido aos estudos de pessoas na Terceira Idade, publicamente reconhecido e aplaudido; resolvi então, matricular-me nesta universidade buscando através deste projeto a oportunidade de prosseguir nos estudos, o que é meu grande desejo. (CS.f)

Depois destes relatos podemos dizer, a partir das evidências apontadas, que são múltiplos os lugares, pretextos, estímulos e razões para começar o caminho de chegada a UATI, assim como são variados os agentes promotores desta tomada de decisão, desde familiares e amigos (os mais comuns), á uma pessoa encontrada no mais inusitado e inesperado local, como um consultório médico, ou até uma informação, cuja fonte não é sequer lembrada. Observemos: a dificuldade de conseguir a vaga não é motivo para desistência, pois há sempre um retorno. Mas, ouçamos mais os nossos sujeitos com suas próprias palavras.

Quando cheguei

Em janeiro de 1999, comecei a frequentar a UATI por influência da amiga Edith, que já conhecia o trabalho, desenvolvido, nessa universidade. (CS.f)

Eu cheguei na UATI em 2000, através da informação de uma aluna dessa casa. Frequentei as oficinas normalmente e no ano seguinte fui indicada para substituir uma professora que teve que se afastar por motivos pessoais. (MS.f)

Aos 70 anos de idade me aposentei desta atividade laborativa, mas, desejava intensamente continuar vivenciando o processo ensino-aprendizagem, com o objetivo de viver novas experiências, informações, amizades e aprofundar-me um pouco mais nos estudos de história, principalmente a História de Salvador, minha cidade. (CS.f)

Fui informada da inscrição em janeiro de 2006, e saí às 4h:30 da manhã tamanha era a minha ansiedade, mas me disseram que seria no dia seguinte. Chega, enfim o dia “D” e às 8h estou na fila para a matrícula na Uati, que finalmente foi concretizada. (MS.f)

Observamos nestes depoimentos que, nos quase quinze anos da UATI, são diversos os momentos deflagradores destas aproximações dos nossos sujeitos, sejam por meio de amizades, pela idade, por uma mudança na situação de trabalho ou simplesmente a vontade de voltar ou continuar estudando. Em estando como estudante, facilmente, passa-se a professor, desde que a permanência seja efetivada.

Como cheguei

Sempre tive uma ligação forte com a Universidade do Estado da Bahia, afinal foi no Campus II que realizei um dos meus maiores sonhos: o de ser professora de Língua Portuguesa e de Língua Francesa. Após ter cursado Letras em Alagoinhas e ter vivido três anos na Martinica (uma pequena ilha francesa no Caribe), voltei ao Brasil e fui convidada pela Professora Celeste Buisine para substituí-la na UATI durante o período em que cursava seu doutorado na França. Mas acabei me integrando ao grupo. (KK,f)

Uma amiga veio me visitar, ficou abalada com meu estado, com muita dificuldade conseguiu no meio do ano matricular-me em bijouteria, musicoterapia, nutrição oficinas que ela cursava, melhorei um pouco.(EN.f)

Um belo dia minha filha Cida, que é psicóloga, me falou da terceira idade na UNEB, eu me interessei fui saber como podia me inscrever para participar do grupo. Eu esperava, ou melhor, tentava mudar minha vida, sair de casa e fazer alguma atividade diferente. (LT.f)

Vim para as oficinas da UATI por indicação de uma das minhas filhas, Edilene, para me divertir, relaxar, conhecer novas pessoas e diminuir os trabalhos domésticos. A UATI para mim, além de ser uma universidade aberta para a terceira idade é o desafio das sociedades modernas. É, acima de tudo, envelhecer com inteligência. (EB.f)

A vinda por motivo terapêutico parece ser uma constante sendo uma ação provocada por muitos e variados personagens, ajudando na busca de saídas para seus problemas, na tentativa de mudar de vida e de uma ocupação, além de fundamentalmente uma alternativa para “acima de tudo, envelhecer com inteligência”, como afirmou o depoente anterior.

Por que fiquei

Comecei a trilhar os caminhos da UATI em 1996, inicialmente ministrando aulas de Língua Francesa. E, em 2003, fui convidada pela coordenação a assumir a Oficina de Alfabetização. Confesso que sempre me encantou o desafio de trabalhar com pessoas que chegaram a essa etapa da vida sem ter tido a oportunidade de acesso à educação básica. (KG,f)

Sentindo necessidade de preencher a minha mente com algo produtivo e terapêutico, me envolvi com vários cursos que havia me identificado.(CS.f)

Gostei muito da oportunidade e segui em frente. Naquele período estava precisando muito ocupar minha cabeça, pois estava passando por um momento muito delicado na minha família.(MS.f)

Logo, nestes cursos conquistei muitas amizades e horas de alegrias, que me torna uma pessoa realizada a cada dia. (CS.f)

Ah! Que maravilha, pois lá encontrei a coordenação e professores maravilhosos que preocupam-se com o aluno como um todo. Hoje estou aqui, aprendi muito, ampliei meus conhecimentos. Vi que era necessário voltar a estudar, tanto que até voltei a escola e assim posso ampliar os meus conhecimentos. (MS.m)

O reconhecimento da necessidade de manter atividades aliadas a alegria de encontrar novas companhias para a realização de novos projetos, reforçam a ideia da satisfação e plenitude que a UATI, provoca de forma entusiástica em alguns dos nossos sujeitos, envolvendo em sua gratidão os professores, capazes de contribuir para torná-las “uma pessoa realizada a cada dia.”, como afirma peremptoriamente uma convicta e, por que não dizer, feliz depoente.

Amante de desafios, ali cheguei curiosa e pouco apreensiva – confesso... Mas logo esses *feelings* desapareceram. E em lugar deles veio uma enorme sensação de aventura e prazer.

A cada aula uma surpresa geralmente muito boa, tal como ouvir depoimentos do tipo:

- Eu vim aqui para perder minha vergonha.
- Eu vim porque estou fazendo pós-graduação e preciso, muito, do inglês.
- Eu quero falar com meu namorado estrangeiro na internet.
- Eu adoro inglês, mas já faz tanto tempo que nem me lembro.

Trabalho com taxi professora, e às vezes os gringos me deixam de cabelo em pé, ahahahaha' eu queria convidar os turistas do Pelourinho para dançar, não é professora? Mas... eu só chego até: *like dance?*

Professora, eu queria ajudar minha netinha com o dever de inglês, porque eu gosto, mas, não sei bem se estou certo. E, não quero ensinar errado, não é?

Bom, aquele entusiasmo me infectou veio direto as minhas veias, cabeça, coração, todos os meus sentidos estavam contagiados por tantos testemunhos de força, coragem, jovialidade e perseverança traduzida naqueles exemplos de motivação que eu pensei: se, agora, depois de aposentados, avós, viúvos sexagenários...estão tão cheios de esperança, determinação e entusiasmadíssimos em começar um curso de uma língua estrangeira, então – devido ao meu estranhamento - devia mesmo parar, e rever meus horizontes, não era? Então mergulhei de corpo e alma naquela aventura didática... Que delícia!!! Não dá pra parar... Isso sim, é que é VIVER. Sem falar das nossas festinhas, dos aniversários de surpresa, os relatos, as confidências. A total entrega, e troca - como prova de confiança - que me fizeram chorar de pura emoção - como chegaram às lágrimas em êxtase. Isso não tem preço!

Vem pra UATI você também, vem? (AB,f)

A reprodução deste texto, longo para alguns e recheados de clichês publicitários de sucesso, deve-se à riqueza de detalhes apresentada, na medida em que traz um conjunto de depoimentos, bastante significativos de outros sujeitos de nosso trabalho e indicam a multiplicidade de razões para a vinda, além da forte emoção provocada por estas ao seu autor, convencido da necessidade de aproveitar melhor a vida a partir de então. Lembramos que, apesar de não estar explícito, este depoimento foi produzido por um dos professores da UATI. Por estas razões o deixamos como fecho deste primeiro capítulo.

AS ARTES DE FICAR

Quero deixar claro que eu era uma pessoa tímida, como sou um pouco mas, com o decorrer dessas oficinas todas, cada uma delas a qual eu passo vou mim desinibindo me faço mais aberta, mas comunicativa em relação as pessoas próximas com quem convivo no dia a dia. (VS,f)

Chegada

A primeira oficina que escolhemos foi de dança moderna, a segunda, de história com a professora Alda, a terceira foi a pintura em tela com a professora Rita. (RG.f)

Fiquei interessada, logo procurei a UATI e fiz a minha matrícula nas oficinas de Francês e Arte em Tecido, algum tempo depois orientada pela professora de francês Kátia Gomes me inscrevi para fazer teste para ampliar o estudo da língua francesa no NEC, Núcleo de Estudos Canadense da UNEB, fui aprovada e tenho me dedicado de modo especial ao estudo da língua. Na UATI atuei como monitora da professora Adeline na oficina de Francês II. Hoje fazer parte desta instituição UATI tem sido para mim muito gratificante, porque tenho adquirido novos conhecimentos e muitas amizades, bem como a oportunidade de participar de palestras, cursos e seminários, também de atividades como o Tai Chi Chuan, pintura e outros artesanatos, são momentos especiais e ter sido indicada pela UATI para ser um dos homenageados pelo **Forum Permanete em Defesa do Idoso** na Câmara Municipal do Salvador em 26 de setembro de 2008 foi um dos principais momentos da minha vida. (MG.f)

Quando Kátia Jane se inclinou para trabalhar com idosos, foi motivo de muita satisfação participar, por que era e continuo sendo da comunidade do Cabula e como tal achei muito gratificante a oportunidade de ver senhoras que eu conhecia e que não tinha nenhum vínculo com a UNEB poder entra na instituição como aluna

de um promissor programa de inclusão social, a maioria delas não sabe ler nem escrever e com a oficina aprenderam o letramento, olha que importância para aquelas senhoras! Que emoção de fazer seu nome, de ler a placa de um ônibus, de ler uma carta, de escrever sua história. A aula que eu ministro na UATI é a arte em papel, as sextas feiras, a tarde, dentro da oficina trabalhamos com Kiri-ê (arte chinesa de corte de papel), mosaico, máscaras decorativas, sacolas recicladas, álbum decorativo, etc. (AS.m)

Assim, podemos ver nos depoimentos acima, que da mesma forma como são inúmeros os caminhos para a chegada na UATI, também são infinitas as possibilidades de permanência, tanto como estudante, em diversas oficinas e atividades, ou depois como monitores, professores, às vezes continuando em situações diversificadas e ocupando várias funções, sendo importante o contínuo processo de aprendizagem e aprimoramento em diferenciadas técnicas, com o objetivo maior de sempre estar ocupada e produzindo, com isto aumentando o prazer de viver, a autoestima e a capacidade de beneficiar o próximo.

Fui ficando

No ano seguinte sem estar recuperada, me matriculei em expressão corporal, crochê e meio ambiente. Aconteceu o pior. Perdi o bem mais precioso em minha vida, minha mãe e adoeci novamente. Comecei a cursar no meio do ano. (EM.f)

O que mais animou foi o coleguismo, elas são atentas e bem alegres, e os professores também. Melhorei muito a minha autoestima e assim estou até hoje. (RG.f)

Eu entrei para participar do coral através do incentivo de minha cunhada Angelina. Tudo aconteceu quando eu tive uma grande perda, que foi o meu filho. Fiquei super deprimida, arrasada,

desesperançosa. Logo Deus colocou uma luz no fim do poço que Angelina fez de tudo para me escrever no coral. Fui a primeira a segunda e a terceira vez sem muita vontade, para agradecer a Angelina, pois queria ser grata pelo que fez e faz por mim. Quando comecei a me relacionar com a professora e as colegas, que foram tão meigas, atenciosas, me deram tanta força que consegui vencer obstáculos e estou até hoje. Obrigado, Senhor por me colocar no meio dessas pessoas maravilhosas. Só tenho a agradecer a Angelina, Célia e colegas. (ES.f)

A continuação na UATI deve-se ao estímulo constante e continuado de pessoas próximas, a superação de problemas familiares, inclusive com perdas de parentes, seguidos da criação de novos laços de amizade e companheirismo, a identificação de atividades prazerosas, atribuídas em alguns momentos até a própria razão mística que alimenta e vivifica a cada existência, razão manifestada com grande frequência, como observamos nos depoimentos anteriores.

Fazendo o que gosto e superando os problemas

No ano passado, na hora da matrícula, me perguntaram se eu queria fazer coral. Hoje estou aqui, mas como bebê, aprendendo os primeiros passos. (MA.f)

Gosto de estar nas aula de coral. Sempre gostei de cantar na igreja, no banheiro, nos trabalhos domésticos (MA.f)

Eu já participei de algumas oficinas, aprendi bastante, principalmente com a Oficina Teórica. Na Oficina de Corpo, por ser muito tímida, necessitei do apoio das colegas e professoras,

que muito me incentivaram. E como falar do imenso prazer que tive em participar da Oficina de Trabalhos Manuais? (LS.f)

Superei este problema e aqui estou muito feliz com o que posso dar e receber dos alunos, colegas e amigos. Já são nove anos de entrosamento sei que já ajudei muitos idosos com uma palavra de carinho e conforto, porque o que a maioria quer é carinho e atenção. (MS.f)

Na aula de biscuit a professora falou que era para trazer uma saboneteira e eu esqueci. Quando ia chegando à sala de aula lembrei e voltei para comprar. Todas as colegas que encontrava no caminho pedia para avisar à professora que não me desse falta, pois eu ia chegar atrasada por que iria comprar a saboneteira. procurei mais de meia hora, entrei em várias lojas, até que encontrei a saboneteira e voltei contente, porque ia aprender mais uma aula de biscuit. Quando entrei na sala percebi que todo mundo estava me olhando e dando risada, porque a aula com a saboneteira não seria naquele dia. A saboneteira que eu escolhi com tanto carinho não era da cor que a professora queria; foi a cor que eu achei mais bonita. Eu me senti ridícula: além de chegar à aula atrasada ainda tive prejuízo. (MS,f)

Me disseram tudo isto, e eu também achava que não ia me dar bem nesta oficina, mas sabe qual foi a minha surpresa quando começaram as aulas? Eu me apaixonei pelo teatro e “me descobri como uma atriz. Fizemos muitas representações nas festas da Terceira Idade, nos cultos de natal, festas juninas, até mesmo apresentações fora da UNEB. Nosso professor era o João Lima. Ele despertou em nós um amor muito grande pelo teatro, amor e respeito, principalmente pelo circo. Estou até ficando famosa, já fiz dois filmes de curta metragem: **O Oculto e É pra pira-já**. Já fiz propaganda da Insinuante, Salvador Shopping com outdoor em toda a cidade, propaganda na televisão etc. Nos outros anos eu fiz pintura em tela, me realizei pintando bons quadros (que eu amo), fiz dança moderna com apresentações em diversos lugares e até em outras cidade, aprendi a bordar, a cuidar melhor da minha saúde, cuidar melhor das nossas águas,

cuidar melhor do lixo dando o destino certo para cada material; tudo isso aprendi com as aulas da Terceira Idade. Aprendi um pouco de francês, faço embalagens, caixinhas e diversos tipos de outras coisas. Sou uma pessoa que gosta de tomar parte de todos os eventos da Terceira Idade, já fui vice miss, fiquei em segundo lugar, também desfilei outras vezes, mas só para participar mesmo. Sou uma ‘jovem senhora’ de 68 anos, com os cabelos grisalhos, viúva, com sete filhos e doze netos, a neta mais velha tem 27 anos. Hoje eu estava com uma amiga lembrando e fazendo as contas de quantos anos estávamos na UNEB e já fazem nove anos e seis meses, sou muito feliz por participar deste grupo maravilhoso. (LT.f)

Vale ressaltar a importância do depoimento logo acima pela riqueza de situações, detalhes e informações que apresenta, forçando-nos a reproduzi-lo em sua totalidade, pela impossibilidade sentida na tentativa de recortá-lo, pois são muitos os sentimentos que traduzem. Assim, podemos observar que a superação das primeiras dificuldades vão sendo efetivadas com o apoio das colegas e professoras, ao tempo em que novas oficinas e atividades mais prazerosas são descobertas e ampliam infinitamente o repertório de possibilidades utilizadas, sempre com muita alegria, com a qual, até os contratempos passam a ser vistos com muita coragem, bom humor e insistência, constituindo um repertório de situações lembradas como patrimônio coletivo deste exercício de bom viver.

E não saio mais: um caso emblemático

Esta sendo muito gratificante estudar na UATI; desde que ingressei nesta universidade, em 2000, fiz novas amizades, participei de várias atividades recreativas e de expressão corporal, além de muitos eventos sociais promovidos por esta

universidade. Como aluna da UATI, desenvolvi vários trabalhos manuais sob a orientação das professoras responsáveis pelas oficinas de mãos e criação, bijuterias, embalagens, cama, mesa e banho, entre outras. Dentre todas as oficinas que já participei, merece atenção especial a Oficina de História, com a qual eu mais me identifiquei, sob a orientação da professora Aldamira Mota Ferreira, realizei três trabalhos de pesquisa. A primeira pesquisa que realizei foi sobre o bairro da Liberdade, logo depois escrevi um relato auto-biográfico intitulado ‘História da minha vida’. Em 2003, realizei um amplo trabalho de pesquisa sobre a cidade do Salvador, o qual deu vida ao livro intitulado “A cidade do Salvador nos meus 454 anos”, publicado em 2005, graças ao grande empenho da professora Ivete Alves Sacramento, reitora da UNEB naquela época. Este livro é fartamente ilustrado com fotos, postais, gravuras e publicações de jornais antigos, proporcionando ao leitor uma viagem pelos pontos históricos e turísticos desta cidade. A encantadora Salvador cantada em versos e prosas, seio de sincretismo religioso, da diversidade de raças, da multiplicidade de culturas, está muito retratada tanto para os nativos como para os viajantes estrangeiros. A publicação deste livro me proporciona momentos de grandes alegrias e surpresas, desde o seu lançamento até hoje tenho recebido várias homenagens tanto da mídia local (escrita, falada e televisionada) como também de várias instituições públicas e privadas. No corrente ano, o professor Lourisvaldo Valentim, atual reitor da UNEB, a quem tenho grande admiração, convidou-me a publicar uma 2ª edição do livro, totalmente ampliada e reformulada, me deixando intensamente feliz, isto é um verdadeiro coroamento ao meu trabalho.

Cecília Luz da Silva

Publicar um livro, para mim era um sonho distante; porém a UATI/UNEB pôde proporcionar-me essa alegria. São de minha autoria as pesquisas do bairro da Liberdade onde nasci. Depois contei fatos interessantes numa autobiografia da infância aos meus 70 anos. O livro de pesquisa da Cidade do Salvador nos seus 454 anos foi a primeira publicação coroada pelos 10 anos da UATI. Considero este fato gratificante e abençoado por Deus. Agradeço a Magnífica Reitora Ivete Sacramento, a professora de Oficina de História e aos meus colegas colaboradores na pessoa de Maria de Lourdes Costa, que com muito esforço buscamos as mais variadas informações, nos museus, acervos, bibliotecas e internet, etc. O sucesso dessa maravilhosa obra.

Cecília Luz da Silva, 74 anos
Aluna da oficina de história
UATI/UNEB - Salvador – 2006.

Os dois depoimentos acima, encerrando este segundo capítulo, nos obrigaram a mudar nossa orientação metodológica de não usar a identificação completa dos depoentes, salvo nos casos de obra autoral como poesias e outras obras pessoais, bem como a sua idade, pois no presente caso pela riqueza de detalhes e da história de sua vida, merecem uma exceção neste trabalho e esperamos no segundo momento gravar em mídia digital um depoimento tão rico como este, assim como de outros personagens pelos significativos e valorosos exemplos que apresentam.



ABRINDO CAMINHOS.

Esse trabalho não está nem nunca estará pronto pois, como o ser humano, ele faz parte de um processo e isso se faz necessário para que possamos nos desafiar, criar, arriscar, produzir e nos inserir junto com a clientela cada vez mais neste mundo globalizado. (KS,f).

Esta epígrafe começa a pontuar elementos para a construção, ainda que provisória e incipiente, de um terceiro capítulo no qual pretendemos começar a apontar a necessidade de estar em permanente prontidão e disponíveis para novas iniciativas em atender este segmento populacional, tão rico de experiências e, ao mesmo tempo, tão carente de oportunidades para realizar o seu potencial em constante expansão.

Se por um lado, esta população encontra-se em constante crescimento numérico decorrente do aumento das inovações da tecnologia na área médica e suas novas especialidades daí derivadas, por outro lado podemos observar uma maior exigência de qualidade de vida, participação social e necessidades próprias, na medida em que a tomada de consciência de sua realidade, direitos e potenciais, tem transformado este segmento em reivindicadores de políticas públicas próprias, necessárias ao aumento de sua qualidade de vida. Como podemos observar o depoimento a seguir:

Para mim, a UATI é, antes de tudo, uma canal de transformação. Tem uma rica programação colocada ao alcance dos idosos, mas exigem muitos idosos que desconhecem esta riqueza que faz parte da sua missão e constitui a razão de ser de todo esforço amigo da Coordenação, empenhada na valorização do idoso, tarefa que exige grande consciência do papel e do amor ao próximo. (AG.f)

Estas exigências ao atendimento às diversas demandas fazem como que a UATI/UNEB se empenhe para desenvolver

múltiplas tarefas em sua atuação, envolvendo todo o seu corpo na realização de inúmeras ações, sempre consideradas insuficientes, na medida em que as necessidades são eternamente crescentes, tanto nos aspectos qualitativos, vistos no depoimento anterior, ou quantitativos como podemos observar na fala seguinte.

O que eu tenho a declarar da UATI é que o tempo de um ano para determinada oficina é muito pouco, muitas vezes o conteúdo programático é muito interessante e quando alguns alunos se empolgam o ano termina, no ano seguinte não havendo condições de continuar a mesma oficina. Por motivo de não haver vagas e espaços para acomodação de novos e antigos alunos. (VS.f)

Nesta fala fica clara um número significativo de elementos no próprio discurso, indicadores das dificuldades de falta de tempo para uma melhor apreensão de conteúdos, exigindo uma maior permanência, ao tempo em que aponta a necessidade de maior número de vagas e espaços para a realização das atividades. Profundamente instigador, neste depoimento, o registro da empolgação, mesmo ao final do ano, o que nos leva a imaginar a dimensão do tempo com é diferente, para aqueles que trabalham com jovens na graduação, com a semestralidade e acham este período extenso e extremamente cansativo.

Numa consulta médica encontrei um cidadão que fazia parte do grupo de dança do UATI e ele mandou que eu me inscrevesse. Fui mas não consegui. Não desisti, no ano seguinte lá estava eu novamente e consegui (MS.m)

Minha entrada foi assim: minha sobrinha trabalha na UNEB, como já estava aposentada, sem ter compromisso com nada, a mesma me falou: ‘tia porque a senhora e minha mãe não vão?’, e assim

partimos para lá. Começamos o dia na matrícula saímos 5h da manhã, enfrentamos uma fila numerosa e nos matriculamos. (RG.f)

Nestas duas falas ressalta-se a dificuldade de obtenção de vagas para o início da participação nas atividades, exigindo um significativo e repetitivo esforço na busca pela matrícula, mesmo para aqueles, como está assinalado anteriormente, que possuem contatos e laços de parentesco com membros da comunidade universitária, levando-os a retornos insistentes e madrugadores às filas.

Cumprе lembrar que presentemente, para evitar tais transtornos a UATI adotou o critério de sorteio que evita os desagradáveis despertares, embora não resolva o problema da carência de vagas e conseqüente exclusão de alguns.

Eu Valdelia Tavares dos Santos professora aposentada em 2003. Depois de vencer as dificuldades para conseguir uma vaga neste entidade governamental matriculei-me no ano de 2004, na qual já cursei várias oficinas como: Dança de Salão, Primeiros Socorros, Psicologia do Envelhecimento, Nutrição e Saúde, Yoga, Biscuit, Homem Espaço e Sociedade. Quero registrar que no presente em 2009, estou cursando as oficinas de: Memórias, Identidade e Coral. (VS.f)

Nos outros anos eu fiz pintura em tela, me realizei pintando bons quadros, que eu amo, fiz dança moderna com apresentações em diversos lugares e até em outras cidades, aprendi a bordar, a cuidar melhor da minha saúde, cuidar melhor das nossas águas, cuidar melhor do lixo dando o destino certo para cada material; tudo isso aprendi com as aulas da Terceira Idade. Aprendi um pouco de francês, faço embalagens, caixinhas e diversos tipos de outras coisas. (LT.f)

Este rosário de atividades desenvolvidas ao longo dos anos e após as dificuldades para superar a prova da matrícula, indica pela simples enunciação, não só a extensão temporal da

permanência, como também o leque de atividades possíveis e realizadas na UATI.

Assim, as práticas de ‘pintura em tela... dança moderna... bordar, a cuidar melhor da minha saúde, ... das nossas águas, ... do lixo... aprendi um pouco de francês, faço embalagens, caixinhas e diversos tipos de outras coisas...’, no caso, denunciam não só a variedade das possibilidades oferecidas como apontam, principalmente, a imensidão de alternativas que podem ser criadas, como vimos nos depoimentos no Capítulo I, quando observamos os caminhos que trouxeram estes estudantes a UNEB.

Tenho 81 anos de idade e há 14 frequento a UATI/UNEB. Sempre fui muito ativa, mas até o ano de 1993 as minhas atividades se resumiam a cuidar da casa, da família e fazer salgadinhos para vender. A partir deste ano, comecei a frequentar o Clube das Mães da Pastoral das Crianças, na Igreja Católica de São Gonçalo, e daí não parei mais. Nesta época, Irmã Inês, vinda da Bélgica, trouxe para nossa comunidade o projeto da UNEB de colcha de retalhos. Nesse momento, tomei conhecimento sobre a Universidade da Terceira Idade. Procurei a instituição e me matriculei. (DS.f).

Por outro lado, podemos observar nos depoimentos, como o anterior, a grande quantidade de tempo de permanência dos estudantes, já que a prática das várias oficinas, limitadas por pessoa e número de possíveis repetições, demanda bastante resistência. Esta longa duração pode ser percebida nas falas dos seus sujeitos, na medida em que são surpreendidas de repente sem grandes preocupações, como neste caso seguinte:

Hoje eu estava com uma amiga lembrando e fazendo as contas de quantos anos estávamos na UNEB e já fazem nove anos e seis meses, sou muito feliz por participar deste grupo maravilhoso. (LT,f.)

Temos apreendido, neste primeiro exercício, como são variados os tipos de atividades que vem sendo feitas com os membros da Terceira Idade, em tradicionais instituições educacionais, dentre as quais, aqui em Salvador, se destacam a Faculdade de Educação Olga Mettig e a Universidade Católica de Salvador, com seus variados cursos de extensão, além das diversas comunidades religiosas, em suas várias pastorais, alguns *shoppings centers*, bem como clubes da terceira idade e/ou aposentados, clubes sociais, academias, bares etc. Exemplo disto, encontramos no depoimento a seguir:

Fui participar de um curso Introdutório de Atendimento ao Idoso, promovido por Marta Lopes Pontes Caldas, e um dos palestrantes era a psicóloga clínica Kátia Jane Chaves Bernardo, coordenadora da Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI. (MG,f)

Também o governo atua nesta área por meio dos seus Centros Sociais Urbanos - CSU, agentes promotores de suas políticas públicas. Daí compreendermos que estas inúmeras possibilidades carecem de um maior e mais cuidadoso levantamento, para que sirvam como exemplos possíveis e passíveis de serem reproduzidos, pois como diz uma depoente em sua gratidão a esta instituição, que pode e deve ser ampliada a todas as outras ações:

Tenho a certeza de que Deus caminha com a UATI e nunca vai abandonar. A generosidade de Deus não tem limite e Ele continuará dando força para que a UATI, através da sua Coordenação siga o seu caminho de enriquecimento ao idoso, através do seu compromisso com a verdade. (AG,f)

Entretanto, o mais importante de todo o processo de mudança de vida, que este trabalho pretende começar a vislumbrar e o que mais nos interessa aqui ressaltar, nas

próprias palavras de seus autores é o processo de percepção de uma visão mais crítica da sociedade e do seu papel como sujeito da história, como veremos no depoimento seguinte, quando começa a falar de autoestima e em seguida embala sua fala:

Autoestima: passei a me considerar mais segura e capaz em todos os sentidos a gostar mais de mim, a me valorizar como pessoa ‘madura’ e vivida. ‘Mantenha a mente ativa e continue jovem de coração, viva um dia maravilha, só depende de você.

Para falar sobre a Terceira Idade podemos fazer dois planos: geral e individual. No plano geral, em determinado momento da vida, devemos pensar mais em nós mesmos fazendo compreender que apesar dos cabelos brancos e rugas, somos bastante úteis e produtivos.

No plano individual, a Terceira Idade está sendo a melhor fase da minha vida, pois estou colhendo as flores e frutos que plantei durante a juventude cercada de muito amor da minha família, principalmente dos filhos que se preocupam em satisfazer os meus desejos, não querendo que eu sinta falta de quaisquer coisas.

A Terceira Idade merece respeito, atenção e carinho, pois nesta fase o ser humano alcança a maturidade e a experiência acumulada em toda uma vida.

Como vejo: um saldo de uma semente que semeada em uma célula fértil brotou, começando assim a caminhada, crescendo e vivendo a vida.

Como sinto: sinto-me mulher, vivendo e desfrutando o que a vida me proporcionou e proporciona. Lembrando com saudades o tempo de infância, adolescência, juventude em um lar modesto, porém feliz. Chegando a fase adulta, com mais

experiência construí um lar, uma família, encarando alguns contratempos, porém cumpri a tarefa de esposa e mãe.

Hoje até com 70 anos, esqueço até que tenho, satisfeitos e felizes, procuro crescer, construindo sempre para desenvolver-me física, social, mental e espiritualmente. Vivo aqui agora os anos de plenitude, procurando sempre representar, pois a Terceira Idade é construir, não é ‘ser velho’, nem isolar-se de tudo e todos, a Terceira Idade é viver, crescer, é evoluir, é caminhar, é crescer!

A Terceira Idade é uma etapa da vida humana que deve ser encarada com otimismo, vivendo o dia de hoje, com saudades do ontem, sem planejar o amanhã.

Os idosos trazem consigo a sabedoria e a experiência de toda uma vida, bem ou mal vivida, a sede de conhecimento e a reciclagem constante não se limitam com a idade, mas é fundamental ter uma compreensão realista das mudanças e dificuldades que fazem parte de um envelhecimento sadio.

Fazer e fazer bem são outro ponto fundamental, pois a qualidade do nosso desempenho é muito importante para cada um de nós idosos, devemos ter sempre em mente que, como indivíduos, somos seres únicos.

Quando estamos na Terceira Idade nossas vidas se tornam como um jardim: lindo, florido e colorido e é assim que a minha vida é agora. (CC,f)

O presente depoimento, organizado tematicamente, permite que seu autor inicie um profundo processo de reflexão sobre os principais elementos de sua condição de vida, ao tempo em que se dedica a filosofar, com os fragmentos de quase pequenas citações que seu repertório dispõe, a cerca dos diversos aspectos da Terceira Idade, sempre girando em torno de sua experiência vivida, durante o período anterior e agora

como membro de uma comunidade de idosos, com profunda consciência da realidade que vive, densamente descrita, às vezes até com um certo travo de amargor, mas nem por isto, menos otimista e corajosa em relação a sua capacidade de intervir na construção do modelo de vida em que pretende exercer plenamente a sua cidadania.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Nada se conclui

Uma das lições mais preciosas apreendidas em nossas andanças pela educação, alertava de que um trabalho nunca se conclui, pois sempre haverá um novo enfoque e um novo olhar a se realizar a cada vez que retornamos aos nossos sujeitos históricos, buscando novos diálogos a renovar-se infinitamente. Assim, neste ponto de seguimento provisório, gostaríamos de aproveitar para retornar a alguns momentos marcantes de nossas experiências na UATI/UNEB, pontos de referências para novos encontros com a arte de escre (vi) ver a vida.

Identificando problemas e encontrando soluções

Estamos na conclusão de um primeiro momento - o Projeto Piloto - de uma atividade que, apesar de considerarmos de grande ludicidade, pelos momentos de intensa emoção e felicidade vividas, representa também uma rara oportunidade de identificação dos problemas e dos instrumentos de sua superação, como maior exemplo a observação empírica de uma pouca presença masculina, em todas as atividades, em geral, e nas danças em particular onde a situação torna-se mais intensa provocando momentos de grande alegria.

Elevando a autoestima

Marcou-nos sobremaneira constatar a alegria e satisfação ao ver como fica evidente o orgulho da maioria dos nossos estudantes ao envergar a camiseta da UATI/UNEB,

tanto no dia a dia, como na mais sutil sugestão nos momentos de apresentação pública, independentemente do lugar ou situação.

Isto se apresenta como bastante significativo, especialmente para nós que adquirimos, como fruto da resistência ao autoritarismo, o hábito de resistência a qualquer ideia de fardamento a que fomos submetidos, compulsoriamente, durante toda a ditadura militar. Entretanto, perceber que para eles significa um grande orgulho e o exercício de elevação da autoestima o pertencer a uma instituição de nível superior, o que nos leva a repetir, como diz a frase de uma famosa e bastante conhecida propaganda, que “isto não tem preço!”.

A UNEB e o seu papel histórico

Neste particular, a UNEB pelo seu caráter multicampi, talvez um dia omnicampi, joga um papel fundamental no Estado da Bahia, pela capilaridade disponível para implantar esta política pública em praticamente todas as nossas regiões, ficando o preenchimento e aprofundamento regional delas a cargo das outras universidades estaduais, ocupantes de partes centrais do nosso território. Sonhamos, enfim, com o dia em que as instituições públicas da área de educação, articuladas em um sistema único com a cultura e os órgãos de saúde, bem-estar social e comunicação, assumam esta tarefa de construção da cidadania e da democracia, responsáveis fundamentais pela melhoria da qualidade de vida da população baiana.

Desculpas pelos cortes

Este primeiro exercício surpreendeu-nos a todos pela riqueza dos depoimentos, pela receptividade e colaboração do amplo conjunto de pessoas envolvidas, atropelando-nos pela quantidade e qualidades de contribuições, que associadas ao pouco tempo disponível para a execução deste Projeto Piloto, nos obrigou a tomar decisões arbitrárias quanto á seleção e corte sem as quais não conseguiríamos dar conta desta atividade preliminar, no tempo devido, entretanto necessária para que todos reconhecessem esta capacidade de escrever sua histórias de vida, aqui na UATI/UNEB, e a partir de então ousar escrever sobre as novas e passadas experiências, as atividades da própria vida e das outras UATIs que estão sendo construídas por ai afora, nos outros campi da universidades ou outras instituições sociais, que pretendemos detalhar melhor nos próximos trabalhos, inclusive com o aproveitamento de contribuições mais profundas que por uma questão de espaço não foram contempladas neste momento.

A emoção como matéria prima e método

Dois momentos nos parecem paradigmáticos para definir o processo de produção deste projeto, cujos primeiros resultados apresentamos agora. Na primeira reunião, com os estudantes de Comunicação Social/Relações Públicas, dispostos preliminarmente como voluntários, para começar os trabalhos e definir tarefas a serem realizadas, foi lhes pedida à leitura prévia de algumas contribuições, por escrito, divididas aleatoriamente, para que tomassem contato com a matéria viva a ser trabalhada.

Ouvimos então, emocionados, junto com os comentários, a confissão de dois deles de que choraram comovidos ao ler os relatos e de um deles que ficou entusiasmado com a possibilidade de incluir a própria avó, com quem morava, para realizar uma destas atividades, extremamente necessária para que melhorasse a sua qualidade de vida, apontando a necessidade de se construir este tipo de projeto em cada bairro, já que as pessoas idosas tem certa dificuldade de locomoção.

Daí extraímos os dois princípios fundamentais desta obra. A primeira era a colocação de toda a nossa sensibilidade e emoção neste tipo de atividade, tão reclamada pelos nossos depoentes. E segunda, era de que este trabalho deverá inspirar as pessoas para cobrar das autoridades públicas este tipo de ação política, bem como produzir estas em seus locais de moradias, atuação profissional e/ou pessoal. Daí se consolidou fundamentalmente o projeto pedagógico deste trabalho que ora iniciamos.

Um projeto pedagógico

Enfim, aí o objetivo maior deste trabalho, que não é lustrar vaidades, evidenciar fenômenos ou bem-dizer realizações, mas sim desenvolver o papel educativo de fazer com todos se vejam capazes de contar suas experiências, estórias e episódios, pois estes fragmentos coloridos de vida, sempre conseguem formar belíssimos mosaicos da rica história humana. Gostamos de dizer que estamos fazendo um exercício de construir, mais do que um mosaico, uma colcha de retalhos, muito mais um “fuxico” na boa tradição nordestina, do que um “patch-work”, no linguajar acadêmico.

Temos também a certeza de que os próximos exercícios sairão melhores, inclusive pelo aproveitamento

mais aprimorado da enorme quantidade de contribuições já produzidas, bem como das pessoas que já se dispuseram a depor sobre suas riquíssimas trajetórias de vida. Visto que acreditamos, como filosofia e metodologia de trabalho, que muito mais significativo do que a riqueza de cada retalho isoladamente, como o depoimento de cada indivíduo, a beleza da obra será ressaltada pela arrumação do seu conjunto, resultado da experiência e prática coletiva, que formam a história de toda a humanidade. Assim, ficamos convictos de que, como diz o poeta “se muito vale o feito, mais vale o que será” (Milton Nascimento/Fernando Brant).

Finalmente, pedimos a todos que aguardem e ajudem, com paciência, solidariedade e boa vontade, o desenvolvimento, aprofundamento e amadurecimento deste grupo de trabalho, voluntário, disponível para colaborar na construção desta pequena, mas significativa obra, que temos certeza, contribuirá bastante para elevar a autoestima de todos e mostrar o quanto somos capazes de realizar, amparado mutuamente, na contribuição, na emoção e na capacidade técnica que aprimoraremos na construção de uma nova e melhor realidade social. Por isso, mas do que pedir, avisamos, aguardem e verão como isto é verdade nos nossos novos trabalhos que vem por aí.



BIBLOGRAFIA RECOMENDADA

ADRADOS, Isabel. **Rorschach: teoria e pratica do método na terceira idade.** - São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos Institucionalizados e Família: entre abafos e desabafos.** 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/São Paulo, 2003.

ALMEIDA, Vera Lúcia de. **Imagens da Velhice: o olhar antropológico.**

A Terceira Idade. São Paulo, ano X, N. ° 15, dezembro de 1998.

ALVES, R. **Sobre o tempo e a eternidade.** 5ª ed. São Paulo: Papyrus, Speculum, 1995.

ÁRIES, P. **Histoire de La vieillesse? Communications,** Paris, Seuil, 1983.

ARIÈS, P., **História Social da Criança e da Família.** Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1981.

_____. **Por uma História da Vida Privada. In História da Vida Privada,** vol. 3, Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. **Générations et âges de la Vie.** Paris: PUF, 1991.

_____. **Les solidarités entre générations : vieillesse, familles, état.** Paris: Nathan Université, 1995.

_____. In: **Sociologie des Générations.** Paris: PUF, 1998.

AZEVEDO, Margarida Maria da Silva de. **A arte de viver no Abrigo D. Pedro II.** 103f. Monografia (Especialização). Associação Cultural e Educacional da Bahia. Centro de Estudos de Pós-Graduação Olga Mettig, Salvador, Bahia, 1998.

BACH DE OLIVEIRA, Clara Regina. **Eu fiz tudo para ser feliz...: Bem-estar entre velhos asilados e não asilados em Florianópolis,** SC. 1989. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BAHIA. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Centro de Estatísticas e Informações - CEI. **A Questão do Idoso na Bahia: Problema Emergente.** Salvador, out/1992.

BAHIA. SECRETARIA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL. Grupo de Trabalho de Estudos e Pesquisas. **Terceira idade.** - Salvador: EGBA, 1991.

BARRETO, Maria Leticia Fonseca, **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social.** - São Paulo: Atica, 1992. 148, jun. 1996.

BARRETO DE ALMEIDA, Ana Valéria. Envelhecimento da população: desafios na área da saúde. **BAHIA Análise & Dados,** Salvador, SEI, v. 6, n. 1, p. 145-

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 2V.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2v.

BELO, Isolda. **Lacunas do óbvio: conteúdos sócio-políticos do processo de envelhecimento e da institucionalização do idoso**. 1990. 139f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 1990.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; CAMARANO, Ana Amélia. **Características sócio-demográficas da população idosa brasileira. Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 107-119, 1997. Dossiê Gênero e Velhice.

BERLINK, M. **A envelhescência**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO COLÉGIO DE PSICANÁLISE DA BAHIA, 1. Anais. Salvador: EGBA, 1996, p. 297-301.

BERNARDO. Kátia Jane Chaves. **Psicanálise e velhice: uma relação possível?** 2002. ___f. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / R.J., 2002.

_____. **As relações intergeracionais e a violência familiar contra o idoso**. In: BRITTO DA MOTTA, Alda, AZEVEDO, Eulália Lima e GOMES, Márcia (Organizadoras). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva**. Salvador: UFBA / NEIM, 2005, p. 75-86.

_____. **Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil.** Comissão Nacional de População e Desenvolvimento.

BERQUÓ, Elza. **Oportunidades e fatalidades: um estudo demográfico das pessoas que moram sozinhas.** In: anais do 6C Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Olinda, PE, 1988, v. 1, p. 155-181.

_____. **Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil.** In: LIBERASSO NERI, Anita; DEBERT, Guita Grin. *Velhice e sociedade.* Campinas, SP: Papyrus, 1999. p. 11-40.

BERQUÓ, Elza, OLIVEIRA, M. Cloeta. **A Família no Brasil: Análise Demográfica e Tendências Recentes, Ciências Sociais Hoje,** ANPOCS, 1990.

BIRMAN, J. **Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise.** In: **Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro.** Rio de Janeiro: Relumê-Dumará: UnATI/UERJ, 1995, p.

BOBBIO, Noberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORGES, Maria Elizabeth Santana. **O velho em Salvador.** BAHIA Análise & Dados, Salvador, SEI, v. 6, n. 1, p. 142-144, jun. 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Compainha das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **A Juventude é apenas uma palavra**. In: *Questões de Sociologia*, Marco Zero, Rio de Janeiro, 1983.

BRIGEIRO, Mauro. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade. Relativizando uma problemática. In: BARBOSA, Regina et al. **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002, p.171-206.

BRITO DA MOTTA, Alda . **Os velhos baianos (e a Música é cada vez mais Nova)**. *BAHIA Análise & Dados*, Salvador, SEI, v. 6, n. 1, p. 123-132, jun. 1996.

_____. **Terceira Idade – gênero, classe social e moda teórica**. In: COSTA, Ana Alice A; ALVES, Ivira Iracema (org.) **Ritos, mitos e fatos – mulher e gênero na Bahia**. Salvador: NEIM, 1997. p. 103-120. (Coleção Baiana 1).

_____. **Palavras e convivência – Idosos, hoje**. *Estudos Feministas*. Dossiê Gênero e Velhice. IFCS/UFRJ. Vol. 5, nº 1, 1997, p. 129-139.

_____. **Reinventando fases: a família do idoso**. In: *Cadernos CRH*, Salvador, n. 29, p. 69-87, jul./dez. 1998a (Dossiê Gênero e Família).

_____. **Gênero, Família e Fases do Ciclo de Vida**. In: *Cadernos CRH*, Salvador, n. 29, p. 13-26, jul./dez. 1998b (Dossiê Gênero e Família).

_____. **A construção do poder dos idosos na sociedade brasileira do século XXI**. Conferência. I Congresso Brasileiro de Gerontologia e II Fórum de Política Nacional do Idoso. Porto Alegre, RS, outubro, 1998c.

_____. **Chegando para a idade.** In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Velhice ou Terceira Idade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998d.

_____. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento.** Cadernos Pagu, UNICAMPI, Campinas, n. 13, p. 192-221, 1999. (Dossiê Gênero em Gerações).

_____. **Os velhos, os Corpos, as Estações.** IV Encontro de Ciências Sociais do Norte/Nordeste, João Pessoa. Maio/1995

_____. **O Sentimento da Terceira Idade.** XX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Salvador. Abril/1996.

BRITO DA MOTTA, Alda. **Chegando prá Idade.** XIX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Niterói, 1994. Publicado em Alteridades n. 2, Mestrado em Sociologia, UFBA, abr./set. 1995.

_____. **Os velhos, os Corpos, as Estações.** IV Encontro de Ciências Sociais do Norte/Nordeste, João Pessoa. Maio/1995

_____. **O Sentimento da Terceira Idade.** XX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Salvador. Abril/1996.

_____. **Não ta morto que peleia – a pedagogia inesperada nos grupos de idosos.** 1999. 283f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador / BA, 1999.

_____. **Novas formas de sociabilidade de idosos: o caso de Salvador.** In: SEI, Bahia: Análise e Dados. Salvador, v. 10, nº 4, março 2001.

_____. **Envelhecimento e sentimento do corpo.** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos (org.) Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz Editora, 2002.

_____. **A categoria geração na pesquisa científica.** In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 22, 2003, Porto Seguro.

_____. **Espaço doméstico e gerações: disputas veladas e renúncias ambíguas.** Trabalho apresentado no GT Gênero, Gerações e Família. Universidade Federal de Sergipe – Aracaju, Agosto / 2003.

_____. Introdução. Cadernos CRH, Salvador, n. 42, v. 17, p. 349-355, set./dez. 2004.

_____. **Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional.** In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. Família e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 109-144.

BURALI, Gabriela. **A assistência ao idoso no Lar Padre Euclides de Ribeirão Preto/SP nas décadas de 1910 a 1950.** 2003. 181f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto, 2003.

CABRAL, Benedita Edina Lima. **A vida começa todo dia.** Estudos Feministas. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 159-168, 1997. Dossiê Gênero e Velhice.

_____. **Família e Idosos no Nordeste Brasileiro.** In: Cadernos CRH, Salvador, n. 29, p. 49-68, jul./dez. 1998 (Dossiê Gênero e Família).

_____. (1997). **Solidariedade geracional, uma experiência dos grupos de convivência de idosos.** VIII Encontro Norte/Nordeste de Ciências Sociais, Fortaleza.

_____. **Mulher e velhice.** In: Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva. Salvador: UFBA / NEIM, 2005.

CACHIONI, Meire. **Universidades da Terceira Idade: das origens à experiência brasileira.** In: NERI, Anita L., DEBERT, Guita (Org.). Velhice e Sociedade. Campinas. São Paulo: Papirus, 1999.

Caderno ADULTO. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Física e Desportos. Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade. Nº 1. 1997.

CALDAS, Célia. **Memória, trabalho e velhice. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores.** In: Renato Veras (Org.). Terceira idade: desafios para o Terceiro Milênio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 121-142.

_____. Pereira. **Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família.** In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. v. 19, n. 3, maio/junho 2003. p. 773-781.

CAMARANO, Ana Amélia. **Foco na terceira idade.** Vou te contar. Revista do Censo 2000, n. 10, p. 20-30, 2000.

_____. **Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?** Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez. 2003.

_____. (org.). **Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPOS, Rose. **A nova Velhice.** VIVER. p. 20-25. Novembro / 1998.

CANCAIAN, Cirlei Dall Ongaro; DIAS, José F. Silva. **Idoso – Dimensão Social.** Caderno Adulto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, nº 04, p. 175-182, 2000.

_____. **Envelhecer no asilo.** Caderno Adulto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, nº 04, p. 191-197, 2000.

CANCAIAN, Cirlei Dall Ongaro. **Em cena... O envelhecimento Humano.** Caderno Adulto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, nº 05, p. 13-31, 2000.

CANCAIAN, Cirlei Dall Ongaro; DIAS, José F. Silva. **Como vivem ‘nossos velhos asilados’.** Caderno Adulto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, nº 04, p. 249-252, 2000.

CACHIONE, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade:** A experiência dos alunos da Universidade São Francisco. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998

CARADEC, Vincent. **Sociologie de la vieillesse et du vieillissement**. Paris: Nathan Université, 2001.

CARVALHO, José Alberto Magno de, GARCIA, Ricardo Alexandrino. **O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico**. In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. v. 19, n. 3, maio/junho 2003. p. 725-734.

CARVALHO. José Carlos de Paula. **Velhice, alteridade e preconceito: dimensões do imaginário grupal com idosos**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v. 5, agosto, 1999, p. 29 – 40.

CASTRO, Helio de. **Preparar-se para o envelhecer**. BAHIA Análise & Dados, Salvador, SEI, v. 6, n. 1, p. 152-154, jun. 1996.

CHAVEZ, N. **Violence Against Elderly**. Disponível em: www.health.org/referrals/resguides.asp.

CHOPRA, Deepak. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras: a alternativa quântica para o envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Cícero. M. T. **De senectude – Da velhice e da amizade**. São Paulo: Cultrix, 1964.

CÍCERO, M. T. **Dialogo sobre a velhice** - Sao Paulo: Cultura Moderna, 1937.

CORTELLA, Mário Sergio. **Repensando o envelhecer: entre o mito e a razão**. A Terceira Idade. Ano X, nº 13, p. 7-28, abril de 1998.

COSTA, Vera Regina Pontremoli. **Reflexões sobre a velhice.** Caderno Adulto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, nº 03, p. 93-98, 1999.

DEBERT, G.G. (org.). **Antropologia e Velhice.** Textos Didáticos, nº 13, IFCH/UNICAMP, 1994.

_____. **Família Classe Social e Etnicidade: Um balanço da bibliografia sobre experiência de envelhecimento.** In BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, ANPOCS, n.33.

_____. **Gênero e Envelhecimento.** Estudos Feministas. V.2, n.3, 1994

_____. **Envelhecimento e Representações sobre a Velhice.** In: Ciência Hoje, Rio de Janeiro, vol. 8 num. 44, 1988

_____. **Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice.** In: Textos Didáticos, IFCH/UNICAMP, n. 13, 1994.

_____. **Gênero e Envelhecimento.** Estudos Feministas, CIEC/ ECO / UFRJ, v. 2, n. 3, 1994.

_____. **Envelhecimento e curso de vida.** Estudos Feministas. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 120-128, 1997. Dossiê Gênero e Velhice.

_____. **A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade.** IN: LINS DE BARROS, Myriam (Org.). Velhice ou Terceira idade? Rio de Janeiro : FGV, 1998. p. 49-67.

_____. **A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade.** In: LIBERASSO NERI, Anita;

DEBERT, Guita Grin. Velhice e sociedade. Campinas, SP: Papyrus, 1999a. p. 41-68.

_____. **Programas para a terceira idade e associação de aposentados: mulheres e homens reinventando o envelhecimento.** In: _____. A reinvenção da velhice. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999b, p. 137-191.

_____. **Os significados da velhice no curso da vida pós-moderna.** Revista da Universidade de São Paulo, v. 42, p. 70-83, 1999c.

DELBES, Christiane & GAYMU, Joelle. **Les familles à quatre générations.** In: Informations sociales, nº 30, 1993, p. 105-38.

DOURADO, Márcia. **A velhice e seus destinos.** A terceira Idade. São Paulo, v. 17, nº 37, p. 7-15, outubro 2006.

ECKERT, Cornélia. **A saudade em festa e a ética da lembrança.** Revista Estudos Feministas, nº1, 1997, ano 5.

_____. **A vida em outro ritmo.** In: LINS DE BARROS, Myriam (org.) Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

ENGELS, Frederich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado,** Zahar, 1973.

FALEIROS, Nayara de Paula; JUSTO, José Sterza. **O idoso asilado: a subjetividade intramuros.** Revista Brasileira de geriatria e gerontologia. v.10 n.3 Rio de Janeiro 2007.

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike. **Ageing and old age: reflections on the postmodern life course.** In: BYTHLEMY, B. et al. (Orgs.) *Becoming and being old: sociological approach to later life.* London: Sage, 1989. p. 143-157.

FEATHERSTONE, Mike. **O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento.** Textos Didáticos, IFCH / UNICAMPI, São Paulo, n. 1, v. 13, p. 49-71, mar. 1994.

_____. **A velhice e o envelhecimento na Pós-Modernidade.** A terceira Idade. São Paulo, ano VIII, p. 5-17, 1995.

FERNANDES DE ARAÚJO, Ludgleydson, LIMA COUTINHO, Maria da Penha de & CARVALHO, Virginia Ângela Menezes de Lucena. **Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência.** Psicologia, Ciência e profissão / Conselho Federal de Psicologia, 25 (1). Brasília, CFP, 2005, p. 118-131.

FERNANDES DE ARAÚJO, Ludgleydson & CARVALHO, Virginia Ângela Menezes de Lucena. **Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice.** Revista Humanidades, v. 6, n. 13, dez 2004/jan. 2005, disponível em <www.seol.com.br/mneme>.

FERNANDES, Flávia Saraiva Leão; RAIZER, Milena Veiga; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. **Pobre, idoso e na rua: uma trajetória de exclusão.** Ver. Latino-am enfermagem 2007, setembro-outubro; 15 (número especial). www.eerp.usp.br/rlae.

FERNANDES, Flavio da Silva & ROSSI, Edison.

Participação da Universidade numa Política Social para a 3.^a Idade. In: *Envelhecimento e Velhice: uma nova realidade*. Paulínia, PMC, 1981.

FERNANDES, Maria das Graças; FRAGOSOS, Kátia Suênia de Melo. **Violência doméstica contra idosos: caminhos para identificar evidências sutis.** A TERCEIRA IDADE, v. 13, n. 15. p. 27-35, agosto 2002.

FERRARI, Maria auxiliadora Cursino. **O envelhecer no Brasil. O mundo da Saúde.** São Paulo, ano 23, v. 23, nº 4, jul/ago 1999. p. 197-203.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi. **Memória e velhice: o lugar da lembrança.** In: LINS DE BARROS, Myriam. *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998, p. 207-222.

FERRIGNO, José Carlos. **Ação cultural da terceira idade.** Disponível em www.sescsp.or.br. Acesso em 15/09/2006.

_____. **A co-educação entre gerações: um desafio da longevidade.** A terceira Idade. São Paulo, v. 17, nº 37, p. 16-26, outubro 2006.

FIGUEIREDO, Sumaya Cristina Silva. **Abuso de pessoas idosas na família: um ensaio.** Gerontologia, 6 (3): p. 126-135, 1998.

FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes. **As diferenças de gênero na velhice.** Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, 2007, jul-ago; 60(4): 422-7.

FILIZZOLA, Mario. **A velhice no Brasil: etarismo e civilização**. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes e Cultura, 1972.

FISKE, Marjorie. **Meia-idade: a melhor época da vida?** - Sao Paulo: Harper & Row do Brasil, [1979].

FORACCHI, M. **O conflito de gerações**. In: A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972.

FRANÇA, Lúcia Helena e SOARES, Neusa Eiras. **A importância das relações intergeracionais na quebra de preconceitos sobre a velhice**. In: Renato Veras (Org.). Terceira idade: desafios para o Terceiro Milênio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 103-120.

FRANCIOLI, Libia Lima. **O papel da Universidade na reinserção social do idoso**. *A Terceira Idade*. São Paulo, Sesc, ano X, n.18, 1999

FRUTUOSO, Dina. **A terceira Idade na Universidade: relacionamento entre gerações no 3º milênio**. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 1999, p. 143-170.

GARCIA, Rosa. **Amorte e a terceira idade**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO COLÉGIO DE PSICANÁLISE DA BAHIA, 1. anais. Salvador: EGBA, p. 313-319, 1996.

GASTRÓN, Liliana. **Y que cumplas muchos más... (abuso, maltrato y abandono: la causa oculta de la mayor longevidad feminina)**. La Aljaba: segunda época, Revista de Estudios de la Mujer, segunda época, Luján, Argentina, v. IV, p. 93-106, 1999.

GIATTI, Laura e BARRETO, Sandhi M. **Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil**. In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, nº 3, mai-jun, 2003, p. 759-771.

GOMES, Marcia Queiroz de Carvalho. **Velhas e velhos: a busca de novos espaços de sociabilidade**. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador / BA, 2001.

_____. **Faces da velhice: de objeto de caridade a objeto de novas políticas públicas**. Projeto de pesquisa do doutorado.

_____. **Temporalidades e relações geracionais: reconstruindo a imagem**. In: BRITTO DA MOTTA, Alda, AZEVEDO, Eulália Lima e GOMES, Márcia (Organizadoras). Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva. Salvador: UFBA / NEIM, 2005, p. 99-114.

GRAEFF, Lucas. **Os Tempos no asilo: uma reflexão sobre uma experiência de estágio em Psicologia Social**. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Terceira Idade da PROREXT/UFRS, v. 5, p. 137-149, 2003.

GROISMAN, Daniel. **Dois abordagens aos asilos de velhos: da clínica Santa Genoveva à história da institucionalização da velhice**. Cadernos Pagu, Dossiê Gênero em Gerações, São Paulo, n.13, p.161-190, 1999.

_____. **A infância no asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da virada do século.** Dissertação (Mestrado), Instituto de Medicina Social /Universidade Estadual do Rio de Janeiro, R.J., 1999.

_____. **A erosão do tempo: imagens da velhice asilada no passado.** In: Primeira Jornada de Psicanálise com idosos e suas interseções. Escola Brasileira de Psicanálise – Movimento Freudiano. Rio de Janeiro, Junho de 1999, p. 124-139.

_____. **Asilos de velhos: passado e presente.** Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento. Vol. 2, 1999. POA: UFRS [Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento].

_____. **A velhice, entre o normal e o patológico.** História, ciência, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9 (1):61-78, jan-abr, 2002. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em acesso em 21/10/2006.

GRUN, Roberto. **Conflitos de geração e competição no mundo do trabalho.** Cadernos Pagú, UNICAMP: Campinas, nº 13, 1999, p. 63-107.

GUERREIRO, Patrícia. **Universidade da 3ª Idade: a Experiência da PUC de Campinas.** Bahia Análise & Dados: Salvador, SEI, v. 6, nº 1, p. 155-158, jun/ 1996.

GUGGENHEIM, Susan. **A experiência da amizade: velhice e morte.** In: Renato Veras (Org.). Terceira idade: desafios para o Terceiro Milênio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 103-120.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (Org.). **Infância e velhice: pesquisa de idéias**. Campinas/SP: Alínea, 2003.

HADDAD, Eneida. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

HALL, G. Stanley. **Senescence: The Last Half of Life**. New York : Appletin, 1922.

HAREVEN, Tâmara K. **Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida**. Cadernos Pagu, Dossiê Gênero em Gerações, São Paulo, n.13, p.11-35, 1999.

HEREDIA, Olga Collinet. **Características demográficas da terceira idade na América Latina e no Brasil**. Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento. Porto Alegre, v. 2, p. 7-21, 1999.

IBIAS, Clara Isabel; GROSSI, Patrícia Krieger. **Violência contra a mulher não tem idade**. In: IBIAS, Clara Isabel; GROSSI, Patrícia Krieger (Org.). **Violência e gênero: coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p.107-116.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRADIA E ESTATISTICA – IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil – 2000**. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas. Informações Demográficas e socioeconômicas, nº. 9, 2002.

JATOBÁ, Maria Betânia. **A repercussão do Estatuto do Idoso nas denúncias de maus tratos**. A terceira idade, vol. 15, nº 31, setembro 2004, p. 39-53.

JORDÃO NETO, Antonio. **Universidade Aberta para a Terceira Idade: uma avaliação crítica.** O mundo da saúde. São Paulo, ano 21, v. 21, n. 4, p. 213-217, jul/ago 1997.

_____. **Gerontologia básica.** São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

JUNGES, José Roque. Uma leitura crítica da situação do idoso no atual contexto sociocultural. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Terceira Idade da PROEXT/UFRS, v. 6, p. 123-144, 2004.

KASTENBAUM, R. **Velhice: anos de plenitude.** São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda., 1981

LANGEVIN, Annette. **A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã.** Caderó CRH, Salvador, n. 29, 1998.

KATZ, Stephen. **Disciplining Old Age: the formation of the gerontological knowledge.** Charlottesville, University Press of Virginia, 1996.

LIBERALESSO NERI (org.). **Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso da vida.** Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Viva Idade).

_____. **Palavras-chave em gerontologia.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

_____. **Velhice bem sucedida e educação.** In: LIBERALESSO NERI, Anita, DEBERT, Guita Grin. (orgs.).

Velhice e sociedade. Campinas, SP: Papyrus, 1999. (Coleção Viva Idade), p. 113-140.

_____. **Contribuições da Psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice.** Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, jan-jun, 2004, p. 69-80.

LIBERASSO NERI, Anita; DEBERT, Guita Grin. **Velhice e sociedade.** Campinas, SP: Papyrus, 1999.

LIBERALESSO NERI, Anita; FREIRE, S. A. (orgs.). **E por falar em boa velhice.** Campinas. SP: Papyrus, 2000. (Coleção Viva Idade).

LIBERALESSO NERI, Anita. **Gerontologia estuda envelhecimento de forma global.** Entrevista disponível em <www.consciencia.br>. Atualizado em 10/09/2002.

LIMA COSTA, Maria Fernanda, BARRETO, Sandhi, GIATTI, Luana e UCHÔA, Elizabeth. **Desigualdade social e saúde entre idosos brasileiros: um estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios.** In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v. 19, nº 3, mai-jun, 2003, p. 745-757.

LINS DE BARROS, Myriam. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LINS DE BARROS, M. **Testemunho de Vida. Um estudo antropológico de mulheres na velhice.** In: Perspectivas Antropológica da Mulher nº 02, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LINS DE BARROS, Myriam (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. **Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações.** Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC São Paulo / outubro 2003. Disponível <www.sescsp.org.br>. Acesso em 15/09/2006.

_____. **Velhice na contemporaneidade.** In: PEIXOTO, Clarice (Organizadora). Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 13-23.

LOPES, Diva M. Ferlin. **O envelhecimento da população na Bahia.** Bahia Análise & Dados: Salvador, SEI, v. 6, nº 1, p. 133-141, jun/ 1996.

LOUREIRO, A. M. L. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo.** Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1ª impressão, 2000.

MACHADO, Laura. **Psicanálise e velhice: resistência ou re-existência?** 1992. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MACHADO, Laura; GOMES, Romeu; XAVIER, Elizabeth. **Meninos do passado: eles não sabiam o que os esperava.** Revista Insight, outubro-novembro-dezembro 2001, p. 36-52.

_____. **Report on Elder Abuse in Brazil.** Disponível em: www.who.int/ageing/projects/elder_abuse/alc_ea_bra.pdf Acesso em: 25 jan. 2006.

MAFFIOLETTI, Virginia Lucia Reis. **Ressonâncias clínicas da velhice.** In: Primeira Jornada de Psicanálise com idosos e suas interseções. Escola Brasileira de Psicanálise – Movimento Freudiano. Rio de Janeiro, Junho de 1999, p. 49-63.

_____. **Velhice e família: reflexões clínicas.** Psicologia, ciência e profissão, set. 2005, vol 25, nº 3, p. 336-351. ISSN 1414-9893.

MAGALHÃES, Dirceu N. **A invenção social da velhice.** Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

_____. **Envelhecimento e resistência cultural.** **Intercâmbio**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7/9, p. 47-54, jan./dez, 1990.

MANNONI, Maud. **O nomeável e o inominável: a última palavra da vida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MARTIN, Claude. **Os limites da proteção da família.** Revista de Ciências Sociais, p. 4-42, maio 1995.

MARTINS, Lílian Alves. **A exclusão social do idoso institucionalizado: a visão familiar.** A Terceira Idade. São Paulo, v. 16, nº 32. p. 66-79, fevereiro de 2005.

MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria de Lourdes Martins. **Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica.** Educação, ciência e Tecnologia, p. 249-254

MASCARO, Sonia do Amorim. **O que é velhice.** São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção Primeiros Passos).

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. **o idoso em situação de rua: Sísifo revisitado**. Estudos de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Campinas, v. 22, n. 1, p. 23-32, jan./mar. 2005.

MELO FERNANDES, Maria das Graças & FRAGOSO, Kátia Suênia de melo. **Violência doméstica contra idosos: caminhos para identificar evidências sutis**. A Terceira Idade. São Paulo, v. 13, nº 25, p. 27-36, agosto de 2002.

MENEZES, Maria do Rosário. **Da violência revelada à violência silenciada: um estudo etnográfico sobre a violência doméstica contra o idoso**. 1999. 377f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1999.

MERCADANTE, Elizabeth. **A velhice: culturas diversas, temporalidades distintas**. A Terceira Idade. São Paulo, ano X, nº 17. p. 19-29, agosto de 1999.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. São Paulo: ALEPH, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Violência contra idosos: relevância para um velho problema**. In Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. v. 19, n. 3, maio/junho 2003. p. 783-791.

MINOIS, Georges. **História da velhice no Ocidente: da Antiguidade ao Renascimento**. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

MIRA Y LOPEZ, Emilio. **A arte de envelhecer : psicologia e psicoterapia do amadurecimento vital** - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

MONTEIRO, Mário F. G.; ALVES, Maria Isabel Coelho. **Aspectos demográficos da população idosa no Brasil**. In: VERAS, Renato (Org.) Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; UnATI/UERJ, 1995. p.65-78.

MORAES, Maria Luiza Gusmão de. **Sala de Espera: Um estudo da ideologia do velho asilado**. 1977. 168f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 1977.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Belo horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Apresentação no IV FÓRUM NACIONAL DA AFCL – ASSOCIAÇÃO FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO – 13 a 16 de novembro de 2003. Slavador/Ba.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens: significado de velho e velhice segundo brasileiros não-idosos**. São Paulo: UNICAP, 1991.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

NOGUEIRA, Eliete Jussara. **Atitudes em relação à velhice: análise de conteúdo de textos de literatura infantil**. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, campinas/SP.

NOVAES, M. H., **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

OLIVEIRA, Clara Regina Bach de. **Eu fiz tudo para ser feliz...: Bem-estar entre velhos asilados e não-asilados em Florianópolis**, SC, 1989, 177. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

OLIVEIRA DA SILVA, Maria Ana Moura de. **Velhos de rua no Brasil: a morte silenciada**. A Terceira Idade. São Paulo, ano IX, nº 12, p. 35-44, agosto de 1996.

OLIVEIRA LIMA, Lílian Almeida de. **Fios de Idade: representações da maturidade em Helena Parente Cunha**. In: BRITTO DA MOTTA, Alda, AZEVEDO, Eulália Lima e GOMES, Márcia (Organizadoras). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva**. Salvador: UFBA / NEIM, 2005.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Velhice: teorias, conceitos e preconceitos**. A Terceira Idade, São Paulo, v. 13, nº 25, p. 36-51, ago-2002.

PEIXOTO, Clarice E. **A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, ANPOCS, n. 27, ano 10, fevereiro de 1995.

_____. **Histórias de mais de 60 anos**. Estudos Feministas, Dossiê Gênero e velhice. Rio de Janeiro, IFCS / UFRJ, vol. 5, nº 1, p. 148-158, 1997a.

_____. **De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos.** In: VERAS, Renato (Org.) Teceira Idade: desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, UnATI/ UERJ, 1997b.

_____. **Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade.** In: LINS DE BARROS, Myriam (org.) Velhice ou Terceira Idade? Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

_____. **Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais.** In: CICCHELLI, V. (Org.) Família e Individualização. R.J.: FGV, 2000.

_____. (Organizadora). **Família e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Introdução – Processos diferenciais de envelhecimento.** In: _____. (Org.). Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 9-12.

_____. **Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar.** In: _____. (Org.). Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 57-84.

PHILIBERT, Michel. **Le statut de la personne âgée dans les sociétés antiques et préindustrielles.** Sociologie et sociétés, v. XVI, n. 2, p. 15-27, octobre, 1994.

PRADO, Shirley Donizete Prado; SAYD, Jane Dutra. **A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa.** Ciênc. Saúde coletiva, Rio de Janeiro,

v. 9, n. 1, 2004. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em 08/06/2008. Dóci:10.1590/S1413-81232004000100006.

PRETI, Dino. **A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação.** - Sao Paulo: Contexto, 1991.

RAMOS, L. R. **A Explosão Demográfica da Terceira Idade no Brasil: Uma Questão de Saúde Pública.** In: Revista Gerontologia 1(1): 3-8, 1993.

RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani e *DIOGO*, Maria Jose D'Elboux (orgs.). **Como cuidar dos idosos** - Campinas : Papyrus, [1996].

ROGERES, Carl R. **Crescer envelhecendo e envelhecer crescendo?** In: _____. Um jeito de ser. São Paulo: EPU, 1983.

ROLLA, Edgardo. **Senescencia: ensayos psicoanalíticos sobre la tercera edad.** Buenos Aires: Editorial Galerna, 1991.

ROSSI, Alice. **Intergenerational relations: Gender, Norms and Behavior.** In: BENGSTON, Vern L e ACHENBAUM, W. Andrew. **The changeng contract across generations.** New York. Aldine de Greyter, 1995.

RUSCHEL, Ângela Ester e CASTRO, Odair Perugini de. **O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder.** Psicologia: reflexão e crítica, 1998, vol. 11. nº 3. p. 523-539.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Velhice, uma nova questão social.** SESC: Biblioteca Científica, Série Terceira Idade, vol 1, 1982.

_____. **A questão social do idoso no Brasil.** Intercâmbio. Rio de Janeiro, v. 3, n. 719, p. 5-11, jan/dez, 1990

_____. **O idoso brasileiro no próximo século.** *A Terceira Idade.* São Paulo, ano X, nº 17. p. 5 a 13, agosto de 1999.

SANT'ANNA, Maria Josefina. **UnATI, a velhice que se aprende na escola: um perfil dos seus usuários.** In: VERAS, Renato (org.). *Terceira idade: desafios para o Terceiro Milênio.* Rio de Janeiro: Relume Dumará: UnATI/UERJ, 1997.

SANTANA, Hilca Barros de & SENA, Kaline Leite. **O idoso e a representação de si.** *A Terceira Idade.* São Paulo, v. 14, nº 28, p. 44-53, set. 2003.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu.** Florianópolis: UFSC, 2000.

SCHMITT, Jaqueline Zarbato, ***O lar de velhinhos Irmão Erasto: muitas histórias para contar*** (O cotidiano da entidade espírita / Florianópolis – 1956-2000). 2005. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

SEEGER, A. **Os velhos nas sociedades tribais.** In: _____. *Os índios e nós (Estudos sobre sociedades tribais brasileiras).* Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

SEGUIN, Elida (org.). **O Direito do Idoso.** Rio de Janeiro. Lúmen Júris, 1999.

SEVERO, Cristiane. **A sociedade e o envelhecimento no mundo contemporâneo.** Caderno Adulto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, nº 03, p. 107-110, 1999.

SILVA OLIVEIRA, Rita de Cássia da. **Velhice: teorias, conceitos** p. 36-51 e preconceitos. A Terceira Idade, São Paulo, v. 13, nº 25, agosto – 2002.

SILVA E SILVA, Maria da Glória. **Idosos aposentados: representações do cotidiano.** Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Terceira Idade da PROEXT/UFRS, v. 1, p. 91-104, 1999.

SILVA, Teresinha Maria Nelli. **A construção de uma pedagogia para o idoso.** *A TERCEIRA IDADE*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 62-75, agosto 2002.

SILVEIRA, Teresinha Melo da. **Convívio de gerações: ampliando possibilidades. Textos sobre Envelhecimento.** V. 4. nº 8. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em www.unati.uerj.br Acesso em 25 jan. 2006.

SILVESTRE, Jorge Alexandre e COSTA NETO, Milton Menezes da. **Abordagem do idoso em programas de saúde da família.** In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. v. 19, n. 3, maio/junho 2003. p. 839-847.

SIMÕES, Júlio Assis. **O movimento dos aposentados e pensionistas e a solidariedade pública entre as gerações.** Bahia Análise e Dados, Salvador, SEI, vol. 6, n.1, p. 149-151, jun 1996.

_____. **Solidariedade intergeracional e reforma da previdência.** Estudos Feministas, v. 5, n. 1, 1997.

_____. **A maior categoria do país: o aposentado como ator político.** In: LINS DE BARROS, Myriam M. (org.) Velhice ou Terceira Idade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

_____. **Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública.** In: PEIXOTO, Clarice. Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 25-56.

SINÉSIO, Neila Barbosa Osório; ANDRADE, Carmen Maria. **Velhos asilados: opção de vida ou de morte?** Caderno Adulto, Universidade Federal de Santa Maria, RS, nº 6, p. 49-70, setembro 2002.

SINGLY, François de ; MARTIN, Claude ; MUXEL, Anne ; BERTAUX-WIAME, Isabelle ; MARUANI, Margareth; COMMAILLE, Jaques. **La famille en questions. : État de la recherche.** Paris : Syros, 1996.

SINHORETTO, Jacqueline. **Além de mulheres, idosas: um estudo de caso de Delegacia Policial de proteção ao idoso de São Paulo.** Boletim IBCCRIM. São Paulo, v. 8, n. 97, p. 1-2, dez. 2000.

SOUZA, et all. **Mortalidade por causas externas em idosos no Brasil, Estados e Regiões Metropolitanas.** Boletim sobre Causas Externas. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde/Centro Nacional de Epidemiologia.

SOUZA, Carolina Marback Barbosa de. **Envelhecimento feminino e sexualidade: uma abordagem antropológica em baile de idosos.** In: BRITTO DA MOTTA, Alda, AZEVEDO, Eulália Lima e GOMES, Márcia (Organizadoras). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva.** Salvador: UFBA / NEIM, 2005, p. 115-134.

STEPANSKY, Daizy. **Velhice, Imaginário e Cidadania.** In: GÓES, F. KOSOVSKY, E. VILLAÇA, N. **Que corpo é esse?** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STOPPE JUNIOR, Alberto; LOUZÃ NETO, Mário Rodrigues. **Depressão na terceira idade: apresentação clínica e abordagem terapêutica.** São Paulo: Lemos Editorial & Gráficos, 1999.

STUCCHI, Débora. **O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria.** In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. **Velhice ou Terceira Idade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 35-46.

THOMPSON, Paul; ITZIN, Catherine; ABENDSTERN, Michele. **I don't feel old: the experience of later life.** Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOMASINI, Sérgio Luiz V.; FEDRIZZI, Beatriz. **Espaços Abertos em instituições para idosos.** Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Terceira Idade da PROEXT/UFRS, v. 5, p. 101-117, 2003.

UCHOA, Elizabeth. **Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso.**

In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro. v. 19, n. 3, maio/junho 2003. p. 849-853.

VARGAS, H. **Psicologia do envelhecimento**. São Paulo: Fundo Editorial Byk-Procieux, 1983.

VERAS, Renato. **País Jovem de cabelos brancos: a saúde mental do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumara: UERJ, 1994.

_____. Terceira idade: **Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. (Org.). **Terceira idade: desafios para o Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

_____. **As conseqüências sociais e econômicas decorrentes da mudança do perfil demográfico de um jovem país de cabelos brancos**. In: Primeira Jornada de Psicanálise com idosos e suas interseções. Escola Brasileira de Psicanálise – Movimento Freudiano. Rio de Janeiro, Junho de 1999, p. 7-19.

ZEPPELLINI JUNIOR, José Carlos. **O mal-estar no envelhecimento: sujeitos, pathos e as quatro estações**. Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line, V, 1, 34-46.

WOODWARD, Kathleen. **Tribute to the older woman: psychoanalysis, feminism, and ageism**. In: FEATHERSTONE, Mike; WERNICK, Andrew. Images of Aging – cultural representations of later life. London and New York: Routledge, 1995. p. 79-96.

ANEXO A – AS OFICINAS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Kely Krause¹

A UATI sempre teve a preocupação de construir um saudável ambiente sócio-cultural. É neste contexto que se inserem os três núcleos de oficinas direcionadas aos estudantes: teórico, manual e de corpo. Estas três esferas se completam, não havendo portanto valores hierárquicos entre elas. A divisão é essencialmente didática. Assim, em meio às oficinas teóricas encontramos o ensino de línguas estrangeiras: francês e inglês. Ambas muito bem aceitas entre os alunos.

Para os idosos estudar um novo idioma significa entrar num universo de novidades. Eles se encantam com as descobertas das diversas civilizações que se comunicam em inglês e francês. É sempre a partir deste diálogo entre culturas que os alunos da UATI se envolvem com o aprendizado das estruturas que constituem o mundo da francofonia e da anglofonia.

Algo muito interessante em relação às aulas é que os alunos trazem contribuições: uma palavra, uma frase, um poema, uma música, uma história ou uma curiosidade em relação à língua estudada. Estes elementos são incorporados às aulas na medida do possível. Durante as oficinas temos leituras, atividades orais e escritas, aulas expositivas, discussões, músicas, dinâmicas de grupo e até mesmo atividades externas como visitas a museus, exposições e palestras.

Todos nós, professores da UATI temos muito comprometimento. E cada um, em relação ao núcleo de base, temos inquietações mais específicas em relação ao bom desempenho dos estudantes. Em relação às professoras

¹ Graduada em Letras pela UNEB, Campus I, Salvador. Professora de Francês da UATI/UNEB.

de línguas, sempre temos uma grande preocupação quanto aos alunos: fazê-los compreender que o aprendizado de uma língua estrangeira depende de diversos fatores e que o principal deles é trabalho pessoal, é a busca pelo contato com o idioma estudado.

É gratificante ouvir relatos dos estudantes acerca de viagens ou outras situações em que puderam utilizar os conhecimentos de língua estrangeira que desenvolveram nas nossas oficinas. Todos os que pertencem à UATI contribuem com sua criatividade, seus conhecimentos, sua responsabilidade, afabilidade e experiência de vida. Felizmente todos os anos ao final de cada oficina percebemos o quanto vale a pena tecer este trabalho coletivo e de vínculos afetivos. É notória a grandeza dos resultados e a satisfação de ambos os lados: professores e estudantes. Assim é que funciona a nossa querida UATI!

ANEXO B – COMO CHEGUEI A UATI

Astlê Guedes Barreto²

Meu primeiro nome é Astlê - nome dado por minha mãe, que queria homenagear uma amiga da família, chamada: Astrê, por sorte, meu pai cuidou do registro e trocou as liquidas R por L; Guedes, meu segundo nome herdado da descendência portuguesa por parte da minha mãe e Barreto por parte do meu memorável pai, que como todo baiano legítimo, tinha nas suas veias, um pouco de índio, de negro e de português.

Nasci em 1º de junho de 1963 na bela e histórica cidade de São Salvador da Bahia adornada pela mágica Baía de Todos os Santos.

Formada em Línguas Estrangeira pela Universidade Federal da Bahia e posterior especialização em tradução - pela mesma conceituada e assim conhecida: UFBA.

‘Menina Nobre’ assim chamada por meu querido pai... Ai! Que saudades! José Barreto – homem nobre pelos princípios que o guiavam e que tanto me inspiraram. Tão doce e austero; simples e honesto; forte e generoso... Nascido na pequena cidade de São Felipe na Bahia em 1924. Faleceu deixando fortes marcas naqueles que o conheceram e valorosos ensinamentos sobre a inteligente forma de viver na simplicidade.

Almerinda Guedes Barreto, a famosa e doce, Dona Almeris, hoje assim conhecida em Praia do Forte - onde escolhera para viver depois de ficar viúva. Minha mãe se revela hoje, a grande inspiradora dos meus modestos dons culinários e corriqueira eloquência. Ah, quantas diferenças e divergências. Ainda bem, que crescemos e compreendemos melhor as pessoas que nos rodeiam e, de forma ou outra,

² Licenciada em Letras pela UFBA. Professora de Inglês da UATI/UNEB.

contribuíram para nossa formação - nada mais nada menos - que a minha querida e difícil mãe. Nessa jornada que me levou à UATI, passei por diversas e grandiosas experiências familiares entre meus 7 similares, 3 irmãos e 4 irmãs - pessoas amáveis e merecedoras do meu carinho e admiração.

Sim, foi a minha resposta ao convite que me foi feita em 2006, pelo Capitão Hamilton representando a professora, e então coordenadora da UATI – Katya Jane, para ensinar inglês naquela instituição.

ANEXO C – FISIOTERAPIA

O grupo de estudantes de Fisioterapia, 1º turma do curso, que hoje atua na Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI, ingressou na UNEB no período acadêmico de 2005.2. As atividades desenvolvidas pela UATI sempre estiveram visíveis por toda a comunidade acadêmica do Campus I, em especial para os alunos de Fisioterapia, que sempre foram desejosos em estabelecer vínculos com a comunidade unebiana e adjacente.

Sabendo da possibilidade de inserção de mais uma oficina na UATI, o grupo de estudantes elaborou um projeto com o tema Enfoque Fisioterapêutico em Promoção da Saúde na Terceira Idade, em novembro de 2008, o qual foi aprovado no mesmo período. Este, que tem duração de um ano, está sendo executado desde março de 2009 com o objetivo de promover a saúde e qualidade de vida entre os idosos bem como prevenir as doenças comuns nesta fase.

A UATI significa o espaço propício para a troca de experiências e diálogo entre o conhecimento científico com o saber popular. Para os estudantes envolvidos, facilitar a oficina “Lazer e Qualidade de Vida” representou ainda mais, foi a melhor oportunidade de aprender com as relações interpessoais e reconstruir conceitos sobre o envelhecimento e qualidade de vida na terceira idade.

Entendemos que a profissão não se restringe à reabilitação. A Fisioterapia também é prevenção e promoção de saúde. Neste sentido o trabalho desenvolvido na UATI evidenciou a importância do fisioterapeuta nestas esferas de atuação.

Diante de todo o conhecimento acumulado e ciente de todos os benefícios obtidos a partir do projeto, desejamos

veementemente a sua perpetuação na UATI para que outras pessoas, monitores e alunos possam contribuir para esta rica construção de saberes.

Salvador, 04 de setembro de 2009
Grupo Saúde em Movimento
Oficina Lazer e Qualidade de Vida

Adriana Graça Costa Unfried,
Carla César Fontes Leite
Evelin Lima de Araújo
Janaína Santos de Siqueira
Luana Silva Campos
Maria Helena Souza de Moura
Mateus de Britto Rodrigues
Michela Louise Rabelo

Agradecimentos

Agradecemos à Edbárbara Souza Nery e Layse Tatiane Ferreira Santos, estudantes do curso de Fisioterapia da UNEB, que colaboraram para a elaboração do projeto bem como o docente orientador do projeto Paulo Itamar Ferraz Lessa.

ANEXO D – ALFABETIZAÇÃO DE IDOSOS: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE ALUNOS DA UATI.

Kátia Cristina de A. Silva Gomes³

O início

Comecei a trilhar os caminhos da UATI em 1996, inicialmente ministrando aulas de Língua Francesa. Em 2003, fui convidada pela coordenação a assumir a Oficina de Alfabetização. Confesso que sempre me encantou o desafio de trabalhar com pessoas que chegaram a essa etapa da vida sem ter tido a oportunidade de acesso à educação básica. (KG,f)

Encontrei um grupo de 24 alunos, na sua maioria formado por mulheres, com idades variando entre 65 e 80 anos, que residiam com seus filhos (a maioria são viúvas), de classe social de baixo poder aquisitivo, algumas aposentadas (30%) e outras que não se profissionalizaram (70%). Quanto aos níveis de alfabetização, na perspectiva de Emilia Ferreiro, foi identificado o seguinte: 3 alunos encontravam-se no nível alfabético, 13 no silábico alfabético (período de transição), 6 no nível silábico (escrita já fonetizada), e 2 no pré-silábico (não elaboram a hipótese das sílabas ligadas ao som das palavras e não reconhecem o alfabeto).

Percebi que os alunos estavam habituados a realizar frequentemente cópia de textos como mecanismo de aprendizagem. A grande maioria apresentava limitações na elaboração de hipóteses quanto à escrita das palavras. Na atividade oral, observei que possuíam um vocabulário restrito, o que dificultava a capacidade de expressão. Apresentavam

³ Pedagoga. Professora da Alfabetização da UATI/UNEB.

senso crítico e reflexivo pouco desenvolvido. A autoestima necessitava ser trabalhada, pois, afirmavam constantemente estarem “velhos para aprender” e que “papagaio velho não aprende a falar”. Por outro lado, demonstravam uma vontade, um desejo ansioso em aprender a ler e escrever “corridinho”. Vislumbravam através da aquisição da lecto-escrita a realização de um sonho – o de poderem exercer atividades básicas do seu cotidiano sem a ajuda do outro.

O desejo deles passou a ser o meu também e com base no pensamento de Paulo Freire, que entende “o ato de educar como um ato de recriação e de resignificação de significados, onde o fio condutor da alfabetização visa à libertação social e política” (FREIRE, 1992, p. 35), elaborei um plano de ação pedagógico dentro de uma perspectiva sociointeracionista e comecei a trabalhar, encontrando-nos inicialmente duas vezes por semana.

O aluno idoso

Os idosos com os quais convivo na Oficina de Alfabetização da UATI/UNEB, fazem parte da grande população de idosos (convencionalmente considerados aqueles maiores de 65 anos), que no Brasil aumentou mais de 200% nos últimos 20 anos. Crescimento este decorrente da melhoria das condições de saneamento, alimentação, educação e assistência à saúde, que refletem diretamente no desenvolvimento sócio-econômico das últimas quatro décadas.

O envelhecimento é um processo natural de perda da vitalidade, é uma manifestação que ocorre ao longo de um período, é universal e multifatorial e atinge todo o corpo, pois, cada órgão reduz aos poucos sua função. É um processo que começa com o nascimento e termina com a morte.

Este processo é marcado por uma progressiva perda de massa magra corporal e aumento da quantidade de tecido adiposo, ocorrem também mudanças na maior parte do sistema fisiológico, tendo como consequência a redução do metabolismo, marcado por perdas sensoriais com diminuição da sensibilidade do paladar, olfato, tato, audição, visão e da função motora, acrescida das perdas sociais, financeiras e de entes queridos.

Alguns idosos apresentam uma diminuição do interesse por atividades que exigem desprendimento de energia e esforço físico, outros perdem o interesse pelo vestuário e aparência, possuem uma certa tendência a atitudes egoístas e egocêntricas, em algumas situações demonstram dificuldade de adaptação social, psicológica e física. Contudo, existem variáveis que influenciam no processo de envelhecimento, tais como: idade, gênero, classe social e nível cultural.

Para o idoso, envelhecer significa defrontar-se com os limites da vida em vida e com a morte em vida. Ele passa a enxergar o futuro como algo assustador, fazendo aflorar os temores em relação à velhice e a sua condição de mortal.

Os alunos idosos apresentam características peculiares do momento histórico de cada um, da sua trajetória. Possuem uma experiência de vida bastante consolidada, trazem em sua bagagem o conhecimento popular adquirido ao longo desses anos. São alunos atenciosos dotados da capacidade de responder melhor às adversidades, capazes de distinguir melhor o essencial do secundário, envolvendo-se com mais facilidade nas questões sociais.

Algumas vezes recebíamos alunos em estado de depressão de caráter eminentemente melancólico devido às perdas sofridas, principalmente a perda social, ou seja, a ausência de um lugar social e o seu reconhecimento simbólico.

Analisando a questão do gênero, percebe-se que normalmente para a mulher esta perda está na figura dos filhos que deixam a casa, é a chamada “Síndrome do Ninho Vazio”, ela que antes envolvia-se nos afazeres domésticos, cuidando dos filhos, fica agora sem atividades, sem ocupação, sem utilidade, situação esta agravada quando ocorre caso de viuvez. No homem, a influência da aposentadoria não está limitada apenas ao plano econômico, apesar de toda a importância deste, mas afeta também outros níveis da personalidade. A adaptação a esta nova etapa chega a ser vivida de maneiras diferentes, de acordo com situações pessoais e até da profissão exercida.

Para muitos, a aposentadoria significa a morte social, quando se sentem excluídos do mundo do labor, como indivíduos sem utilidade. Na realidade, a aposentadoria chega num momento em que é preciso reconhecer e admitir a própria inutilidade, como algo que está sobrando e que não tem mais sentido dentro dos esquemas da sociedade.

As mensagens implícitas passadas pela sociedade os fazem sentir sem nenhum sentimento de pertença, como membros de um corpo estranho ou cidadãos de um país desconhecido cujos usos e costumes não são mais os seus. O próprio desaparecimento das antigas amizades torna ainda mais profundo o vazio e o isolamento em torno deles. Quando olham ao redor, já não encontram os amigos de sempre, que aos poucos foram desaparecendo. Os costumes no campo da moda, da arte, as suas ideias, seus gostos tornam-se cada vez mais distantes.

É importante que o educador que trabalha com este segmento de alunos, faça com que eles compreendam que toda idade tem prazer e medo e que todas são etapas importantes da vida humana, em que cada uma deve ser pensada como parte

integrante de um todo e esse todo é a própria vida, a própria existência.

O processo de aprendizagem do aluno idoso

O aluno idoso procura os Cursos de Alfabetização buscando muito mais que aprender a decodificar os códigos linguísticos. Eles desejam resgatar a oportunidade outrora roubada de sentirem-se efetivamente participantes na sociedade, sendo eles os autores da sua própria história. Buscam a possibilidade de uma nova visão de mundo, um novo caminho, uma nova realidade que será construída todos os dias através de suas ações.

É importante que o educador envolvido no trabalho com alunos idosos possa criar condições em sala de aula para que seus alunos superem suas dificuldades durante o processo de aprendizagem, procurando ser bastante claro e objetivo na transmissão das informações e na organização das ideias. Usar um tom alto de voz, falar pausadamente e usar a repetição para reforçar algumas informações, são algumas medidas que podem auxiliar. Procurar oportunizar o desenvolvimento da autoconfiança nos seus alunos, como forma de combater a autocritica, comumente mais rigorosa no idoso, de tentar aliviar as frustrações pelo fato de não renderem mais tanto quanto na juventude.

Percebia nesta convivência com os alunos da Terceira Idade que os adultos, diferentemente das crianças e jovens, precisam saber por que tem de aprender algo, precisam aprender experimentalmente; eles abordam o aprendizado como resolução de problemas, aprendem melhor quando o tópico é de valor imediato, anseiam ver como a realidade

acadêmica concorrerá de fato para que a sua realidade pessoal seja modificada.

O material didático utilizado não era adequado, possuíam letras pequenas inviabilizando a leitura, não atendiam as especificidades dos alunos. Inclusive este é um direito assegurado ao idoso no seu Estatuto, Art. 25, que diz “O poder público apóia a criação de universidade aberta para pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequado ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual”.

Contudo, à medida em que nos aprofundávamos nos conteúdos, utilizando um referencial teórico construtivista, observávamos que os alunos apresentavam dificuldades de caráter psicológico pois não sentiam-se capazes de aprender, esquecendo-se frequentemente dos assuntos abordados na aula passada. Em alguns momentos eram dispersos perdendo-se em meio a tanta informação. Apresentavam dificuldades com a memorização de dados

Com o envelhecimento, o idoso perde de maneira significativa a memória de fixação (recente), em contrapartida, a memória de evocação (biográfica) fica cada vez mais viva e atuante. Fazendo com que eles estabeleçam sempre um elo, uma interação, entre o assunto trabalhado no presente e as situações por ele vividas no passado.

Por esta razão eram extremamente participativos quando lhes era dado a oportunidade de narrarem suas lembranças e cada assunto abordado em sala de aula era utilizado como ponte entre passado e presente.

A praxis pedagógica para o aluno idoso

Nas aulas procurávamos possibilitar a aquisição da lecto-escrita estimulando a construção de textos a respeito de temas previamente escolhidos a partir do perfil e interesse dos alunos. Embora os temas fossem amplamente debatidos com todos demonstrando envolvimento com a atividade, percebíamos que quando eram convidados a escrever a respeito do tema discutido, apresentavam alguma resistência, argumentando que este era um momento enfadonho da aula. Não demonstravam nenhum prazer, ou alegria, ou mesmo satisfação na construção dos textos.

Diante da situação, passamos a refletir a respeito da nossa praxis pedagógica e então percebemos a fragilidade ou mesmo a ausência de uma praxis educativa capaz de nortear a ação pedagógica do educador que trabalha com este segmento de alunos. Era necessário adotar uma metodologia mais adequada para atender às necessidades de aprendizagem desses alunos e despertar o prazer pelo ato de escrever produzindo textos.

Acreditamos que o educador sem conceito, sem teoria, torna-se um cego diante da realidade; porém os conceitos, sem a substância das reflexões e sensibilidade de cada um, ou seja, sem a experiência do cotidiano da sala de aula, seriam puros-vazios. É nesse momento que a teoria se nutre da observação empírica e da prática diária e essas somente ganham forma e sentido mediante o trabalho do conceito, o permanente esforço da teorização.

Sabe-se que o idoso ao lembrar não se contenta em simplesmente aguardar passivamente que as lembranças o despertem; ele procura precisá-las, interrogando outros idosos, revirando seus velhos papéis e fotos, cartas antigas e,

principalmente, conta aquilo de que se lembra, enriquecendo a aula com a narrativa da sua História de Vida.

Éclea Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade: Lembrança de Velho* (1994), afirma que o modo de lembrar é tanto individual quanto social e defende o diálogo entre passado e presente, pois acredita promover uma valorização do aprendizado. A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará mais. É nossa fundamental experiência do tempo. Por esta razão, observamos que o idoso recorre à memória, às suas lembranças, fazendo associações com o tempo presente para que, de alguma maneira, possa sentir-se vivo.

Ao narrar suas lembranças em sala de aula, o idoso sentia-se vivo, útil e efetivamente autor e ator da sua história de vida. Segundo Bosi (1994), o papel de narrador foi delegado ao idoso porque ele possui o dom do conselho e o talento de narrar suas experiências, extraindo da própria dor uma lição a qual é narrada com dignidade e orgulho.

Complementando o pensamento da autora, Walter Benjamin (1993) em seu texto “O Narrador” destaca a importância da narrativa e da relação entre narrador e o ouvinte como algo formativo, pois, o narrador dá conselhos ao seu ouvinte, fazendo propostas para a história que ora se desenvolve.

Observávamos que na narrativa prazerosa de cada aluno, ficava claramente evidenciado o seu caminhar desenvolto entre passado e presente. O lembrar no idoso não possui puramente um cunho nostálgico, antes, ele revisita o passado com um outro olhar, pois ele próprio já não é mais o mesmo que vivenciou aquela experiência. Ele utiliza-se dessas experiências para redefinir seus conceitos, opiniões e valores

do presente, reconstruindo sua História de Vida, (re)elaborando sua formação.

Assim sendo, buscamos refletir a respeito do referencial teórico abordado no livro *Experiências de Vida e Formação*, de Marie Christine Josso (2004), os fundamentos da Metodologia das Histórias de Vida em Formação, que possui a narrativa como ação principal, “[...] pois, ela permite explicitar a singularidade, e com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de Vida”. (JOSSO, 2004, p. 9).

Segundo Josso (2004, p. 43), “Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida.”

Portanto, buscamos incorporar na nossa praxis educativa a narrativa das experiências biográficas dos alunos idosos da oficina de alfabetização, como suporte para possibilitar uma abordagem de expressão de si e aprendizagem/desenvolvimento da lecto-escrita.

Nas aulas os alunos eram estimulados a narrar suas histórias de vida, tomando como ponto de partida um tema gerador capaz de fazer emergir as lembranças da infância, dos sentimentos, dos hábitos e costumes do tempo passado e dos momentos históricos mais marcantes. Falavam das suas recordações-referências, das suas experiências mais significativas e, principalmente, falavam do aprendizado adquirido através dessas experiências, pois “[...] as experiências de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a

vida lhes ensinou mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida” (JOSSO, 2004, p. 45).

Em seguida, quando todos os alunos já haviam narrado suas histórias de vida, passavam para a construção dos textos. Elas escreviam com base nas suas narrativas e, ao escrever, articulavam presente, passado e futuro possibilitando o exercício do “[...] elaborar-se em um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência reforçada dos seus recursos e fragilidades, das suas valorizações e representações, as suas expectativas, dos seus desejos e projetos” (JOSSO, 2004, p. 61).

Percebemos que o momento da aula dedicado à escrita passou a ter outro significado, pois os alunos idosos estavam aprendendo a ler e escrever a partir das suas próprias experiências. Produziam textos que falavam das suas histórias de vida, do pensar, da existencialidade, das suas reflexões. Escreviam sobre os “períodos significativos do percurso de vida de cada um” (JOSSO, 2004, p. 64). O ato de escrever deixou de representar um momento enfadonho e desconfortável da aula para tornar-se alegre e extremamente prazeroso.

Os textos recolhidos eram devolvidos na aula seguinte e, individualmente, com a nossa mediação, realizavam a correção, identificando os equívocos cometidos na relação entre fonemas e grafemas, possibilitando nesta fase do processo de alfabetização a aquisição do código linguístico e o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Entretanto, entendemos que alfabetizar é muito mais abrangente e complexo, pois trata-se de um processo permanente que se estende por toda a vida e que não se encerra apenas na aprendizagem de leitura e escrita. Compreendemos a

alfabetização como “um processo de habilidades, um fenômeno de natureza complexa e multifacetada.” (SOARES, 2006. p. 18).

Após trabalhada a escrita, passávamos à leitura dos textos produzidos. Os alunos eram convidados a ler seus textos em voz alta para todo o grupo, refletindo a respeito do seu conteúdo. Não apresentavam dificuldade na execução da leitura, pois o texto não lhes era estranho, distante, pelo contrário, existia uma identificação com o texto lido, uma vez que era contextualizado com base nas suas próprias experiências e referências.

Josso (2004), em seu livro, fala a respeito do processo de “caminhar para si” (p. 59), que segundo a autora consiste em “fazer o inventário de sua bagagem, recordar seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores os seus comportamentos.” (p. 58).

Por esta razão, o momento dedicado às leituras era cercado de muita emoção.

Durante o decorrer do processo de alfabetização, observávamos o desenvolvimento significativo dos alunos na execução das atividades propostas em sala de aula. As habilidades de leitura, escrita, oralidade, raciocínio lógico, criatividade, e reflexão crítica foram aperfeiçoadas e/ou construídas com muita dedicação, tendo o fio condutor do prazer e da alegria perpassando por todas as atividades desenvolvidas.

Toda a dedicação do grupo resultou na conclusão do curso de alfabetização no final de 2006, com uma cerimônia de formatura digna da conquista alcançada. A trajetória do grupo de alunos da Oficina de Alfabetização da UATI não findou com a conclusão do curso. Atualmente elas estão cursando a primeira série do ensino fundamental, graças a uma parceria

estabelecida entre a UATI e uma instituição não governamental, chamada ALFALIT, dando assim continuidade ao processo da educação básica.

Conclusão

Os textos construídos durante o processo de alfabetização foram reunidos e organizados em uma publicação como resultado final do curso e como fruto da dedicação e esforço de um grupo de idosos que, acreditando em seu potencial, mostrou que sempre é possível adquirir novos conhecimentos.

Idosos que, ao reconhecerem a importância do seu passado, utilizaram a riqueza da memória, resgataram suas recordações-referências e ao registrá-las em forma de texto iniciaram o processo de aquisição da lecto-escrita, realizando assim o sonho do aprender a ler e escrever, resignificando o seu lugar na sociedade, provando que o aprender é possível em qualquer idade.

Acredito ser pertinente concluir o presente trabalho com uma reflexão de Paulo Freire, em seu livro *À sombra desta mangueira* (2005), por julgar ser capaz de resumir com muita propriedade a experiência vivida por este grupo de idosos.

Os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser os do calendário. Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco. Somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos curiosos ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa imovelmente satisfeitos. Somos

moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo e se o que fizemos continua a encarnar sonho nosso, sonho eticamente válido e politicamente necessário. Somos moços ou velhos se nos inclinarmos ou não a aceitar a mudança como sinal de vida e não a paralisação como sinal de morte. (FREIRE, 2005, p. 56).

Referências

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: **magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velho. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

_____. **À sombra desta magueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

JOSSO, Marie Christine. Experiências de Vida e Formação. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.



ANEXO E – CAMINHOS DA UATI: PROCESSO, DESCOBERTA E CHEGADA

Aldamira Mota Ferreira⁴

Após a minha aposentadoria em 1997, decidi ficar em casa, iria organizar armários, livros, costurar, ler e administrar o lar. Curti os afazeres do lar por pouco tempo e logo procurei algo mais para preencher o meu tempo. Em um curso básico para idosos despertou-me a vontade de trabalhar com a terceira idade e nesse ínterim descobrir a UATI/UNEB, através de uma palestra da coordenadora Kátia Jane. No final da palestra procurei informações quanto ao projeto da UATI e fiquei interessada em prestar serviços como professora, a prática eu já desenvolvia, foram 25 anos em sala de aula trabalhando do infantil ao ensino médio. Na UATI voltei a falar com a coordenadora deixando um currículo e proposta de trabalho. Aguardei algum tempo e somente com a ajuda da assessora Bernadete Pataro, consegui uma audiência com a Magnífica Reitora, Ivete Sacramento, que me apresentou a coordenadora da UATI. Conseguindo um contrato de experiência. De início foi criada uma Oficina para o Lar, onde desenvolvi atividades pertinentes a Administração e Convivência do Lar em 1999. No segundo ano foi criada a Oficina Viver e Reviver, onde trabalhamos o Projeto Memória; onde foram desenvolvidas várias atividades referentes à convivência familiar dos alunos e suas comunidades.

Em 2002 foi criada a Oficina de História, entre outras atividades, desenvolvemos o projeto de pesquisa, destacando a Cidade do Salvador nos seus 454 anos.

⁴ Licenciada em História pela UCSAL. Professora da UATI/UNEB na Oficina 'Os Caminhos da Bahia'.

Outras experiências desenvolvidas na UATI:

Atividades culturais – os alunos participam de eventos em outras instituições: Fórum do Idoso, Seminários, Movimento de Donas de Casa, visitas a museus, reuniões e festas do NIAPI, excursões, visitas escolares, instituições de idosos e Centros Sociais Urbanos.

Visitas Sociais: desenvolvimento de atividades do Projeto Idoso Companheiro, participações em festas regionais, Concursos de Beleza, Semana de Arte e Cultura, Seminários sobre Saúde, caminhadas etc.

Significado da terceira idade

Quando se diz que a pessoa é velha?

Entendemos que a velhice não é um somatório das idades: biológica, cronológica, psicológica ou social.

Para reconhecer-se como velha, não necessariamente a pessoa precisa adotar comportamentos pertinentes a essa fase da vida; interessante é saber aproveitar o que há de melhor dessa etapa de vida. Velhice não é doença, é claro que o idoso volta e meia é atingido por fatores biológicos, fisiológicos e emocionais com o passar dos anos.

Atualmente o idoso sente-se gente: nada de fazer crochês, cuidar de netos ou ficar ocioso em casa: hoje os conceitos discriminatórios estão sendo refeitos. As pessoas idosas demonstram vitalidade, participando de bailes, excursões, atividades sociais e culturais, onde emitem opiniões, sonham uma melhor qualidade de vida, discutem e reclamam seus direitos.

Conforme opinião de estudiosos uma velhice sadia começa por volta dos 40 anos, quando essas pessoas tomam simples medidas para sentir-se melhor, com uma alimentação

sadia, praticando atividades físicas, vivendo a sua sexualidade, lazer, praticando boas leituras, cultivando plantas, conversas amistosas com amigos e consultando regularmente médicos geriatras. É necessário que cada uma possa exercer a cidadania na comunidade, discutindo as leis, direitos e deveres contidos na Política Nacional e no Estatuto do Idoso.

O programa UATI/UNEB é uma atividade educacional avançada que já nasceu vitoriosa, elaborada pela competente coordenadora professora Kátia Jane C. Bernardo. Atualmente estão matriculados cerca de 600 alunos nas suas diversas oficinas em três núcleos distintos: teóricos, corporal e artesanatos.

Sabemos que a UATI é uma orgulhosa instituição para sua criadora, que junto a uma equipe multidisciplinar de profissionais competentes, procura melhorar a qualidade de vida da pessoa idosa, afastada temporariamente por conta da elaboração de tese de doutorado. A coordenadora confiou a continuidade desse trabalho à professora Sônia Maria Nogueira Bamberg, que vem dedicando a maior parte do seu tempo para o bom andamento dos trabalhos da Universidade, demonstrando habilidade e competência na resolução dos problemas, viabilizando a integração de todos os participantes, alunos, professores e técnicos.

O que pode ser feito na UATI?

As políticas públicas poderão ser inseridas nas atividades da UATI através da criação de um Balcão da Cidadania, oferecendo ações sobre os direitos e deveres da pessoa idosa.

Outras boas ações estão sendo praticadas: Apoio do Serviço Médico da Universidade, prestando atendimento aos idosos semanalmente através de inscrições prévias. Os Departamentos de Fono e Fisioterapia disponibilizam alguns alunos para atenderem aos idosos.

Parcerias com a (UNEX e ASCOM) muito auxiliam na divulgação das nossas atividades e recebimento de alunos para aquisição de novos conhecimentos.

Conclusão

O Programa desenvolvido com idosos da UATI, Salvador Campus I, está inserido nos procedimentos legais da Política Nacional do Idoso, Lei Nº 8.842 janeiro de 1994 e do Estatuto do Idoso Lei nº 10741 de outubro de 2003, desencadeando campanhas educativas de combate a violência ou preparando cidadão idoso e família para o processo de envelhecimento com dignidade.

Através de ações desse tipo construímos cidadãos e cidadãs mais conscientes.

ANEXO F – MUSICOTERAPIA NA UATI

Maria Suely de Oliveira Lago⁵

Esta oficina acontece na UATI desde o segundo semestre de 1998. É um trabalho realizado através da integração dos fundamentos e técnicas da musicoterapia com a biossíntese e é constituído de dois grupos de idosos, cada grupo com um número aproximado de 16 alunos. São grupos heterogêneos do ponto de vista social, econômico e intelectual.

Os alunos que procuram esta oficina são pessoas que tem um vínculo com a música e estão interessados em se conhecer melhor num trabalho mais reflexivo. É também comum que busquem este trabalho após uma perda ou uma doença. Nesses casos, chegam com o nível de energia muito baixo, desanimados, carentes e deprimidos.

O objetivo geral desta oficina é possibilitar ao idoso uma vida mais saudável para si mesmo e na relação com o outro, enquanto ser integral.

O aspecto lúdico da música aliado a danças e movimentos livres de corpo facilita a auto expressão e o contato com o outro, aumentando a energia, a autoconfiança, a autoestima, propiciando ao idoso ampliar sua capacidade vital com criatividade, prazer e alegria, num processo de reintegração com a vida.

O trabalho musicoterápico busca desenvolver potenciais e/ou restaurar funções do indivíduo para que ele alcance uma melhor organização intra e interpessoal promovendo mudanças direcionadas ao seu bem estar pessoal, social, emocional e espiritual. É um trabalho de incentivo à socialização, à comunicação, à expressão das emoções, ao prazer proporcionado

⁵ Musicoterapeuta. Professora de Musicoterapia da UATI/UNEB.

pelos movimentos corporais aliados à melhora de problemas ósteo-musculares e funções motoras. O som age diretamente sobre o organismo através da absorção pelas células, órgãos e sistema límbico, responsável pela expressão emocional.

As vivências musicais proporcionadas pela Musicoterapia, estimulam a criatividade e a autoconfiança, ajudando a mobilizar o potencial de saúde do idoso. Tocando, cantando, improvisando, acompanhando, fazendo e ouvindo música, o aluno partilha a sua experiência nos encontros semanais. A musicoterapia atua assim, no desenvolvimento do potencial criativo e na prevenção e tratamento de pessoas com diferentes necessidades. A música atua no corpo e desperta emoções, incentiva a sociabilidade e é gratificante.

A biossíntese é uma psicoterapia somática, desenvolvida pelo inglês David Boadella, e significa integração da vida. Refere a processos específicos de autoformação que orientam o crescimento e o desenvolvimento pessoal e espiritual do ser humano. Dessa forma trabalha-se com o desabrochar latente, no qual os recursos da pessoa são fortalecidos e os problemas tornam-se menores. É um trabalho que se baseia no desenvolvimento de um modelo de integração do corpo, mente e espírito. Nessa psicoterapia, o processo de reintegração terapêutica trabalha com o desbloqueio da respiração e dos centros de emoção *centering*, com a vinculação e organização da experiência através do contato visual e comunicação verbal *facing* e com a retonificação dos músculos e a integração postural *grounding*.

Descrição do trabalho

No primeiro encontro costumo descrever o trabalho e estabelecer as regras de um contrato, onde todos se comprometem a serem sigilosos com relação aos conteúdos

emergidos nos encontros, assíduos, pontuais e participativos durante as atividades. Solicito também o preenchimento de uma ficha musicoterápica com dados pessoais relativos à vida social e familiar, situação da saúde física e mental, sua relação com a música e um pouco das suas histórias de vida. Costumo também fazer um encontro individual com cada aluno para falar sobre o conteúdo da referida ficha e conhecer um pouco da sua vida pessoal.

A partir daí e das demandas do grupo, vou estabelecendo, juntamente com eles, de que forma o trabalho será realizado.

Primeiramente trabalhamos com a identidade pessoal, a partir do nome, para que cada um se reconheça como um ser singular e como membro do grupo. Juntamente com isso vamos construindo o vínculo grupal, que é a base de sustentação de qualquer trabalho de grupo. É ele que vai estabelecer a base para que as relações interpessoais se intensifiquem, possibilitando a construção de amizades entre os membros do grupo, facultando encontros além do âmbito da Universidade, com apoio recíproco tanto nos momentos de dificuldades quanto nas celebrações das conquistas.

Os trabalhos corporais de *grounding* com alongamento, relaxamento e o uso consciente da respiração, associados à observação das sensações corporais, vão aumentar a energia, dar ânimo e produzir a percepção da integração entre corpo, movimento, pensamentos e sentimentos.

A expressão corporal, as atividades lúdicas e a dança, incentivadas pela música, vão possibilitar o contato com o prazer e a alegria produzidos pelos movimentos e o encontro com o outro, tirando-os do isolamento, puxando-os para a vida.

As visualizações criativas e a meditação ajudam o contato interior levando-os à autorreflexão, a partir do que foi vivenciado, dos *insights* e das partilhas no grupo.

À medida que o trabalho vai se desenvolvendo, a fala vai surgindo conectada com os sentimentos, os conteúdos começam a emergir com mais facilidade e profundidade, facultando a elaboração dos mesmos. Nesse ponto, eles percebem que podem construir recursos internos para lidar com as questões que permeiam a vida, que sua dor não é única, que não estão sozinhos e que o grupo é um lugar de apoio nas suas necessidades.

Salvador (BA), 15 de junho de 2009

**ANEXO G – PROFESSORES E PROFESSORAS DA
UATI – 2009**

Nº	NOME	OFICINA(S)
1	Adelice Nunes B. de Souza	Francês
2	Aldamira Mota Ferreira	Educação p/ o Consumo e Memória e Identidade
3	Ana Maria Farias Silveira	Tai Chi Chuan
4	Anna Coelho Guimarães	Mãos e Criação
5	Antonio Jorge N. dos Santos	Arte em Papel
6	Astlé Guedes Barreto	Inglês
7	Aurelina Evangelista dos Santos	Tricô e Croché
8	Carlos Alberto da S. Santana	Meio Ambiente e Ética na Conte
9	Célia Rodrigues dos Santos	Coral
10	Debora Alcina R. Chaves	Informática
11	Denise M. ^a Sacramento Nossa	Embalagem A
12	Diego Marcel de Vasconcelos	Dança de Salão
13	Dulce Mascarenhas	Yoga
14	Eliana Santos Silva	Danças Regionais Brasileiras
15	Eugênia da Silva Ferreira	Arte em Fuxico
16	Gabrielle Ferraz Rodrigues	Saúde na Terceira Idade
17	Irla Rezendo Kalid	Dança do Ventre
18	Janaina da Silva Lira	Dança Moderna e Dança Flamenca
19	Jotazer Paraízo Leite	Homem, Espaço e Sociedade
20	Kátia Cristina de A. S. Gomes	Alfabetização
21	Katiana K. Coutinho Santos	Expressão Corporal
22	Kely Krause de Jesus Cunha	Francês A e B
23	Kelle Jacy de Araújo Chaves	Mosaico e Bijuteria
24	Luiza Cerqueira Cavalcanti	Pintura em Gesso e Madeira
25	Maria de Fátima S. Brandão	Arte com as Mãos
26	Maria Lúcia Pessoa de Moura	Valorização do Idoso
27	Maria Rita Pardo Vieira	Pintura em Tela I e II
28	Maria Suely de Oliveira Lago	Musicoterapia
29	Marilanda C. de S. Cardoso	Embalagem B
30	Marlene Barbosa dos Santos	Tapeçaria

31	Neire Mariani W. Passos	Cama, Mesa e Banho e Corte Costura
32	Sandra Silva Lasse Cabral	Direitos do Idoso
33	Sônia M. ^a Bamberg N. Reis	Coordenadora
34	Sérgio Guerra	Pra Saber o que é Brasil
35	Tarcio Silva Santos	Dança de Salão
36	Alunas de Fisioterapia	Lazer e Qualidade de Vida 2009.1 e 2009.2
	Michele Sacramento dos Santos	Monitora Nutrição 2009.1 e 2009.2
	Camila Abdon Legale Souza	Monitora Nutrição 2009. 1 e 2009.2
	Gabrielle Ferraz Rodrigues	Monitora Saúde na 3ª Idade 2008.2 e 2009.1
	Júlia Gonçalves Rocha R. de Carvalho	Monitora Saúde na 3ª Idade 2009.2

ANEXO H – RELAÇÃO DAS UATIs IMPLANTADAS NA MULTICAMPIA UNEB – 2009

Nº	MUNICIPIO	CAMPUS
1	Alagoinhas	Campus II
2	Brumado	Campus XX
3	Caetité	Campus VI
4	Conceição do Coité	Campus XIV
5	Euclides da Cunha	Campus XXII
6	Guanambi	Campus XII
7	Ipiaú	Campus XXI
8	Jacobina	Campus IV
9	Juazeiro	Campus III
10	Paulo Afonso	Campus VIII
11	Salvador	Campus I
12	Santo Antonio de Jesus	Campus V
13	Senhor do Bonfim	Campus VII
14	Teixeira de Freitas	Campus X

ANEXO I – Fotografias

As fotos publicadas neste anexo pertencem ao acervo da UATI/UNEB.



Legenda – Encontro de Arte e Cultura - 2009 - Teatro UNEB



Legenda – Palestra de Direitos Humanos - 2008 - Teatro UNEB



Legenda – Palestra na UATI - 2009 - Teatro UNEB



Legenda – Aula inaugural - 2009 - Teatro UNEB



Legenda – Aula Inaugural - 2009 - Centro de Formação



Legenda – Encontro de coordenadores da UATI - 2009 - Hotel Vilamar



Legenda – Oficina de Tai Chi Chuan - 2008 - Aula ao ar Livre - Campus I



Legenda – Semana de Integração - 2009 - Aula ao ar Livre - Campus I



Legenda – Sala de Aula / UATI - 2009 - Oficina de Dança de Salão



Legenda – Apresentação de Dança de Salão no Teatro UNEB - 2009



Legenda – Preparação das candidatas a miss UATI - 2008 - Sala de Vivências Corporais da UATI



Legenda – Oficina de Dança Flamenca - 2008 - Sala de Aula/UATI



Legenda – Festa de São João - 2007 - Quadra Esportiva da UNEB



Legenda – Festa de São João - 2007 - Quadra Esportiva da UNEB



Legenda – Festa de São João - 2007 - Quadra Esportiva da UNEB



Legenda – Festa de São João - 2007 - Quadra Esportiva da UNEB



Legenda – Miss UATI - 2009 - Teatro dos Correios - Pituba - SSA.



Legenda: Miss UATI - 2009 - Teatro dos Correios - Pituba - SSA.
Participação da Miss Universo 2008 - Célia Giardino - Aluna da UATI



Candidatas a Miss na mídia - 2009 - Teatro dos Correios - Pituba - SSA.



Legenda – Miss UATI, Miss Bahia, Miss Universo, Célia Giardino - 2008 - Espaço Xisto



Legenda – Miss UATI - 2009 - Teatro dos Correios - Pituba - SSA.



Legenda – Concurso Miss UATI - 2009 - Teatro UNEB



Legenda – Escritora D. Cecília e sua orientadora exibindo seu livro - 2005 - Campus I



Legenda – Oficina de Artesanato - 2008 - Sala de Aula UATI



Legenda – Oficina de Artesanato - 2008 - Sala de Aula UATI



Legenda – Semana de Integração ao ar livre na UATI - 2009 - Campus I / Salvador



Legenda – Semana de Integração ao ar livre na UATI - 2009 - Campus I / Salvador



Legenda – Apresentação dos professores da UATI - 2008 - Teatro UNEB



Legenda – Apresentação do Coral da UATI - 2007 - Teatro UNEB



Legenda – Comemoração de Aniversário - 2007 - Encantadores de Leitura



Legenda – Oficina de Informática - 2007 - Salvador



Legenda – Lourisvaldo Valentin - Reitor da Universidade do Estado da Bahia
Sônia Bamberg - Coordenadora da UATI - Dezembro/2008



Legenda – Lúcia Cachoeira, Poetisa e aluna da UATI - 2010 - Salvador





Sobre os Autores

Kátia Jane Chaves Bernardo

Doutorado em História Social (UFBA). Mestrado em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Especialização em Terceira Idade (Universidade Católica de Salvador). Graduada em Psicologia (UFBA). Professora Titular da UNEB e Coordenadora do curso de Psicologia do Centro Universitário Jorge Amado. Tem experiência na área de Psicologia Social e Intervenção Terapêutica, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, violência, processo de envelhecimento, velhice e coabitação. Ex-gerente da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade do Estado da Bahia e ex-coordenadora da Universidade Aberta à Terceira Idade da UNEB.

Sérgio Armando Diniz Guerra

Doutor e Mestre em História Social (PUC/SP). Especializações em Metodologia do Ensino Superior, Sistema de Materiais de Ensino e Aprendizagem, Tele-Educação e Educação Brasileira. Graduado em História (UFBA). Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia, DCH1, Salvador. Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação, CEE-BA. Autor e organizador de diversos livros, artigos e projetos de Pesquisa e Extensão. Dedicou-se aos temas de Canudos, Ensino de História, da Educação, Social, Política, Memória. Diversidades Sociais e Terceira Idade. Ex-professor Adjunto da Universidade Católica do Salvador e das redes públicas e privadas nos diversos graus e modalidades de ensino.

Sonia Maria Bamberg Nogueira Reis

Pós-Graduada em Administração Pública (Universidade Católica do Salvador). Graduada em Pedagogia (UFBA). Coordenadora do Núcleo Universidade Aberta à Terceira Idade - NUATI/PROEX/UNEB. Coordenadora da Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI/Campus I. Professora da área de Relações Interpessoais e Ética e Cidadania.

Fonte: Times New Roman 12/14
Miolo: Pólen Soft 80 g/m²
Capa: Papel Supremo 250 g/m²
Impressão: setembro/2012